

Cada numero contém sempre uma obra completa

N.º 12

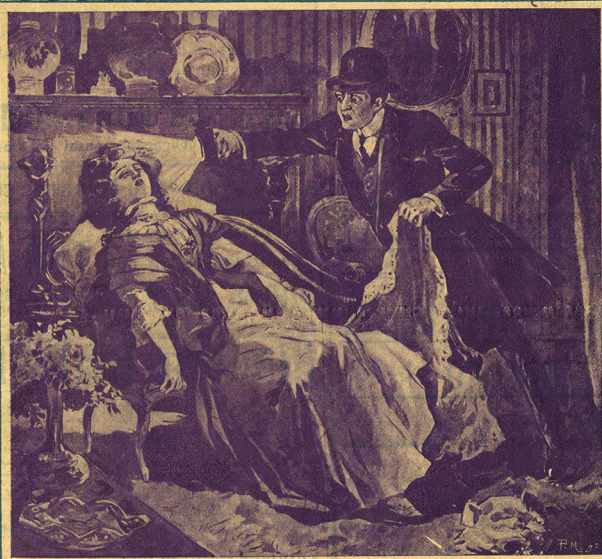
A NOVELLA POPULAR

Preço 60 rs.



Aventuras extraordinarias d'um policia secreta x x

6 faro de Sherlock Holmes



Com o coração aos pulos, Sherlock Holmes curvou-se para a chaise-longue e tirou a coberta.

Redacção e administração de A NOVELLA POPULAR, Calçada do Ferregial, 33, 1.ª — Lisboa
Editor e proprietário: P. A. de Miranda Sousa ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦
Comp. e imp. na — EMP LUSITANA EDITORA, C. do Ferregial, 33 — pertencente ao edito:

Encyclopedia Popular

Collecção de obras de vulgarisação

científica ao alcance de todos

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em pequenas obras, de maneira a desenvolver nos menos instruídos o gosto pelos estudos científicos, tão necessários para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primorosa collecção, que encerrará verdadeiras obras primas, devidas ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Está publicado o primeiro volume:

Como pode acabar o mundo

Segundo a sciencia e segundo a religião

por C. de KIRWAN

Livro de sciencia popularisada, a obra que inicia a série da *Encyclopedia Popular*, tem obtido no estrangeiro os mais colossais dos êxitos.

No preço:

Atravéz do Espaço, por Camillo Flammarion
Os Mundos desaparecidos, por Zaborowsky
As Estrellas e os cometas, por Secchi
O Panorama dos Seculos, por J. Weber
A Inteligencia e o cerebro, por G. Matisse
Magnetismo e Espiritismo, por G. Danville
O Alcoolismo e os seus estragos, por Serieux e Mathieu
A Fisiologia do Espirito, por Paulhan, etc. etc.

100 rs.

CADA VOLUME BROCHADO E
NITIDAMENTE IMPRESSO

rs. 100

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos
até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

I Obscendades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia 300

Impudicicias de Roma Primitiva—Devassidão dos Romanos 50

III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos.. 300

No preço:

IV (e ultimo volume Tempos modernos..... 300

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200

REIS

==CADA VOLUME CONTEM==

== 14:00 LINHAS ==

DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

O homem das multidões, de *Pierre Zaccaria*.
O casamento d'um forçado, de *A. Bouvier*.
A aposta maldita, por *Jules de Gastagne*.
Os Facas d'Oiro, por *Paulo Féval*.
As filhas do povo, por *Alexis Bouvier*.

No preço:

A EXPIAÇÃO

Sensacional romance de JULIO MARY

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, comporão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

REIS • um bom romance completo

100 maneiras de nos
defendermos na rua

COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente
ilustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

Edições luxuosissimas

com bellas e numerosas gravuras intercaladas

no texto

A *Modern-Bibliotheca* é constituída por edicoes luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

I—Ditosa Iar, por *Marcel Prévost*
II—Aphrodite, por *Pierre Louys*
III—Prima Laura, por *Marcel Prévost*

500 Rs.

Preço de cada volume
brochado

Rs. 500

ACD
823 91
D598.99
p47 v.1 no. 12

O faro de Sherlock Holmes

CAPITULO I

Acuda-me, Sherlock Holmes!

—Harry, meu caro, diz Sherlock Holmes ao seu ajudante e amigo Taxon, vamos ainda a uma cachimbada, aqui, ao pé do lume, onde se está admiravelmente, n'um fauteuil. Depois, ir nos-emos deitar. Estes ultimos dias têm sido de incrível trabalhadeira, e uma noite de descanso não será demais.

Harry Taxon foi pelos cachimbos, que pôz ao alcance do mestre, quando este fez signal de escutar:

—La jurar que estão chamando ao telephone!

—Parecia-me que o senhor tinha dependurado os receptores...

—Effectivamente. Precaução necessaria contra os curiosos e indiscretos. Mas, em caso de grande necessidade, a pequena sabe que pode servir-se do outro despertador, que preparei especialmente para o fim. Não me engano, não: tocam á campainha!

Sherlock Holmes levantou-se logo, e dirigiu-se ao quarto contiguo, onde um timbre envolvido em algodão deixava ouvir uns sons abafados.

Pegou no receptor:

—Quem está? Aqui, Sherlock Holmes.

—Pelo amor de Deus, senhor Holmes, venha immediatamente respondeu uma voz de mulher, a tremor de susto. Sou Mary Malcolm.

—Ah! lady Mary! Vou já. Que aconteceu?

—Não posso dizer-lhe ao apparelho. Venha o mais depressa possível. Corro perigo de vida! Cada minuto pode...

E a voz cessou de repente. Sherlock Holmes percebeu o ruido de uma queda e o gargarejar de uma

respiração difficil. Correu para o compartimento donde tinha saído.

—Dá-me o pardessus, Harry! Os meus dois revolvers! Estarão carregados? Abre a porta. Leva luz á escada.

Estas ordens, deu-as elle de modo imperativo. Nuncia Harry tinha visto o mestre tão excitado. E, enquanto o acompanhava, levando na mão uma lampada electrica perguntou-lhe:

—Que ha de novo senhor Holmes? Aonde é que vae?

—A casa de lady Malcolm, respondeu Sherlock, descendo a escada a quatro e quatro. Sabes? Russell-road. Não sei o que aconteceu. Segue-me immediatamente. Leva tudo que é preciso, e espera debaixo da janella que eu apite.

As ultimas palavras perderam-se já ao longe; galgava a rua a toda a força das suas pernas, para entrar na proxima encruzilhada onde julgava encontrar um trem.

—Ah! ah! murmurava Harry Taxon, subindo ao seu quarto para se preparar. Agora me lembro que o mestre consagra especial afeição a esta lady Malcolm. Isto data do tempo em que ella ainda era uma simples cantora, e de excellente reputação. Essa mulher era formosa como um anjo. Deus queira que lhe não tenha succedido alguma desgraça.

Sherlock Holmes tratava, então, de procurar uma carruagem, que não encontrava. Desde o meio dia que Londres estava envolvido num espesso nevoeiro.

Ninguém pode fazer idéia do que seja o nevoeiro de Londres; mesmo quem tiver conhecido o dos Alpes e do mar alto, não viu coisa parecida a esta muralha escura, invensível, em que não é possível distinguir a mão no extremo do braço estendido.

Sherlock Holmes, proseguia, o seu caminho sem

perder tempo em pesquisas inúteis. Meia hora depois, chegava elle a Russel Road.

O espaço largo, plantado de arveres, parecia dormir no silencio da noite.

Não se ouvia rodar de trens, nem qualquer outro ruido. Ninguém se aaventurava a andar pelas ruas com uma noite daquellas. Seria arriscar a vida. Sherlock Holmes só conseguiu orientar-se com o auxilio de uma bussula, e pelo seu instincto prodigioso. Soltou um suspiro de allivio, quando o luzeiro mais vivo dos reverberos lhe fez suppor que havia conseguido o seu fim.

A casa dos Malcolm era construida mesmo no centro da praça, tendo nos flancos direito e esquerdo um vasto jardim. Apesar das trevas, distinguia-se das outras casas inglesas pelo estylo particular. Parecia-se com um castello á franceza, e uma entrada, com dois leões de pedra aos lados, conduzia á porta principal do edificio.

Quando Sherlock Holmes chegou, a deitar os bofes pela bôcca, notou que essa porta não estava completamente fechada e deixava passar pela fissa entre aberta uns raios de luz.

Em dois pulos, chegou ao atrio, e empurrou a porta. No pateo não havia ninguém. Era um silencio profundo.

O policia sentiu-se agoniado. Respirando com difficuldade, entrou no primeiro compartimento contiguo ao vestibulo. Ali, tambem, nem um signal de vida.

Corria-lhe pelo corpo todo um suor frio. Não havia que duvidar... Mary desaparecera. Teria sido victima de algum crime?

O compartimento estava muito illuminado, como a salinha proxima, com lampadas electricas.

Sherlock Holmes, entrou, a tremer.

—Lady Mary! disse elle em voz baixa, está aqui? Ninguém respondeu.

Nem o minimo rumor.

Mas, ali... naquella marquessa... estará alguém deitado?

O policia approximou-se. Sobre os almofadões havia uma coberta de seda, sob a qual parecia avultarem os contornos de uma forma humana.

Com o coração aos pulos, Sherlock Holmes curvou-se para a chaise-longue e tirou a coberta. Um surdo gemido lhe subiu aos labios. Deparara-se-lhe o corpo de lady Mary Malcolm!

Estava morta! Sem duvida nenhuma. Muitissimas vezes havia assistido a semelhantes espectaculos, para ter a certeza de se não enganar.

Mas, quando viu que os socorros chegaram tarde, que se commettera um crime, os seus instinctos de policia despertaram. Recuperou a paz de espirito e serenou.

Rapidos, como um relampago, um sem numero de pensamentos lhe atravessaram o cerebro.

Sabia que lord Malcolm, o marido da desventurada victima, tinha partido em viagem de recreio para França; que o acompanhara um antigo companheiro de collegio, e que lady Mary, devendo seguil-os, não ponde, por momentanea indisposição de saude.

Além disso, as relações entre os dois esposos, sem

terem conservado a ternura dos primeiros tempos, eram, ainda assim, das mais amistosas. O lord não tivera ainda motivo de arrependimento-se da sua união com a linda cantora, se bem que o casamento fosse contra vontade de seus paes. Elle havia de sentir profundamente a morte da esposa. Mas, era conveniente que se lhe enviasse, immediatamente, a triste nova.

Sherlock Holmes demorou-se um pouco junto do cadaver, Os seus olhos de aguiá averiguaram que não havia n'elle contusão, nem signal de instrumento perfurante, e que, sómente, a pobre senhora fôra estrangulada.

Tornou a cobrir delicadamente o corpo sem vida, e tratou de explorar os outros compartimentos da casa.

Em todos elles havia luz electrica; tudo illuminado. Na casa de jantar, ainda estava a mesa posta com dois talheres: um servido e outro intacto.

—E' estranho, isto! murmurou Sherlock Holmes, proseguindo febrilmente nas suas pesquisas. Pelo visto, lady Mary esperava um conviva que não veio. Pôz-se á mesa só, e telephonou-me muitissimo tarde, quando viu o perigo. Mas, onde diabo estarão os criados?

Foi á cosinha; estava vazia, assim como o quarto da cosinheira e da criada de fóra

Passando uma rapida vista de olhos por este quarto, percebeu que as duas mulheres teriam ido a um baile ou a qualquer divertimento, pelas fittas, plumas e outros enfeites, que por ali havia desordenadamente espalhados.

—Fitas! Pobre lady! que senhora tão boa, e, tambem, tão imprevidente! Provavelmente deu-lhes licença para sairem, e, ella, terá ficado só, ao desamparo!

«E o tratante do Pedro? Sei que o lord, quando saía, deixava esse criado de guarda á casa.

«A sua ausencia é inexplicavel!

Sem perder um instante, voltou á casa de jantar, onde estava o telephone.

Procurou na lista o posto de policia mais proximo. Quando lhe deram a communicação:

—Está? Sou Sherlock Holmes, 13-15! Mande-me immediatamente homens e um medico a casa do lord Malcolm, Russel Road.

—Que aconteceu? perguntaram.

—Um crime. Despache-se.

Mas, o agente de serviço, era prudente.

—Não é a primeira vez que nos chamam em nome de Sherlock Holmes por coisas insignificantes, quando não é brincadeira. Dê-me a prova da urgencia do seu pedido, ou não mando ninguém.

A resposta foi tão categorica, que o empregado, com medo, obedeceu immediatamente.

—Quem é o asno chapado que está ao aparelho? Não comprehendem? 13 15! Não sabe que é o numero de hoje?

—Ah! desculpe, senhor Holmes; os homens vão já. E um medico tambem?

—Já disse. Que raio de coisa! Um medico e depressa: assassinarão lady Malcolm.

«Assassinada!

Ah! Não havia nada mais verdadeiro! Sherlock Holmes voltou á casa mortuária; desatacou os vestidos e procurou o sitio do coração para ver se o sentia palpar. Inútil tentativa! A vida desamparara para sempre esse corpo joven e encantador.

No pescoço, branco de neve, nem um signal de violencia. Só na larynge é que descobriu duas ecchymoses azues e profundas.

Deteve-se um instante e murmurou:

—O selvagem assassino commetter o crime com as mãos. Mas, não foi aqui, n'esta marquee. Não, a victima está deitada n'uma posição naturalissima, e muito graciosa. Vamos ver se descobrimos onde o caso se deu.

Foi á janella, abriu e apitou. Segundos depois, responderam com o mesmo signal.

Harry Taxon estava no seu posto.

—Sobe, Harry, disse-lhe Sherlock Holmes em voz rouca.

Ao som d'esta voz percebeu o rapaz que alguma coisa grave se tinha passado.

Correu e penetrou no pateo ao mesmo tempo que o mestre ali chegava.

—Está morta, disse-lhe este.

—Céus! assassinada?

—Assassinada, estrangulada! Está deitada de ilharga, no seu bondoir. Ali, nada se vê fóra dos seus logares: perfeita ordem. O assassino deu-se, por força, em outro sitio. Vamos ver se descobrimos na casa algum vestigio de lucta e de violencia.

Harry seguiu Sherlock Holmes por todos os compartimentos, esforçando-se por imitar o socego e sangue frio do seu mestre.

—Ella telephonou-me pouco antes de morrer, disse-lhe este com modos indifferentes na apparencia, e foi interrompida no meio da communicação. O hospede, que a assassinou, estava já, sem duvida, em casa, quando a desgraçada correu ao telephone para chamar-me em seu auxilio.

O policia foi de novo ao apparelho.

Ainda d'esta vez não descobriu nada. Nem o tapete que cobria o soalho, nem as cadeiras, pouco desviadas dos seus logares, accusavam qualquer signal de lucta.

—Mas, cá na casa ha outros apparelhos, pensou alto o policia. Vai ver se os encontros, Harry, e examina-me tudo isso muito bem.

Quando o moço saiu, Sherlock Holmes pegou, com sentimento de profunda emoção, no copo meio de vinho que ainda estava na mesa.

—Não ha uma hora que os seus labios tocaram as bordas d'este copo, murmurou elle. Com este liquido beberei o que restou do seu pensamento!

Levou o copo á bocca, mas logo o desviou com um vivo movimento de repulsa.

Cheirava muitissimo a tabaco, e só um emerito fumador teria sido o bebedor.

—Lady Mary não bebeu por elle; foi um homem, com toda a certeza! Não foi ella que esteve ali sentada; foi o seu hospede. Nem provou a comida. Mas, sentou-se defronte d'elle, que a cadeira está um pou-

co desviada da mesa. Ah! Apenas partiu uma migalha de pão.

Sherlock Holmes pôz-se, então, de joelhos e foi de gatas á roda da mesa. Só descobriu uma coisa insignificante, em cima do tapete, no sitio onde o convidado teria posto os pés: um bocadito de palha.

Pegou-lhe com muito cuidado e examinou o minuciosamente.

—E' palha de aveia, pensou elle. Palha de aveia... nem todos os cocheiros a usam... Mas, alguns... Afinal, o homem podia muito bem trazer-a da rua. Mais natural é suppor que veio de carruagem. Pensaremos n'isto.

—Mestre, chamou Harry, do pateo, quer chegar aqui se faz favor?

—Descobriste alguma coisa, meu filho?

—Não sei que importancia isto possa ter. E' um bocadinho de papel entre o apparelho e a parede.

Sherlock Holmes pegou no papel. Só ponde ler estas palavras: «Hotel do Globo».

—Louvado seja Deus! disse elle, pulando de contente: eis, provavelmente, a chave do enigma!

Harry não disse nada. De tal modo se habituou a ver o mestre tirar de nada consequências extraordinarias, que fez proposito de não procurar comprehender coisa nenhuma.

Na rua, ouviram-se passos de uma patrulha que se aproximava.

—E' a policia, disse Sherlock Holmes. Naturalmente, não vem cá fazer nada. E' necessario que eu fique para lhe dar instrucções. Tu, vaes d'aqui ao Hotel do Globo, o novo Grande Hotel. Pede ao porteiro a lista de todos os viajantes que lá estão, e dos que já saíram. Trazes comigo o meu cartão de identidade?

—O meu será bastante, respondeu Harry, um pouco despeitado.

—Bom; vai. Voltarás aqui, que eu cá fico até amanhã pela manhã.

Ouviu-se a campainha electrica da porta da rua. Sherlock Holmes foi abrir a porta á policia, que chegou.

CAPITULO II

Vestigios confusos

O medico, que a patrulha trazia, viu logo que era inútil qualquer soccorro. Fez, entretanto, com que levassem a morta para o seu quarto, e entregou-se a energicas tentativas de a chamar á vida.

As manchas azues do pescoço eram profundas, mas pouco longas.

—São signaes de pollegar, disse Sherlock Holmes, que, de parecer sombrio e impenetravel, assistia ao doutor, disposto a ajudal-o nos seus esforços. O assassino, quem quer que foi, não é homem vulgar. Tem os dedos muito compridos e pontegudos.

—Mas, uma mulher, replicou o doutor, não teria força para matar outra, d'esta maneira.

—Eu não disse que seja mulher! respondeu Sherlock Holmes, em tom aspero.

Tres homens ficaram de guarda ao palacio. Os outros, de reforço, ás ordens.

O proprio policia subiu ao aposento de Pedro, o criado desaparecido. Era um quarto limpo e bem arranjado, onde nada havia que pudesse explicar a auzenzia d'esse homem a quem lord Malcolm havia confiado a guarda de sua mulher e de sua casa.

Era já noite. As criadas ainda não tinham regressado do divertimento aonde tinham ido na vespera. —Se eu tivesse o endereço do lord disse Holmes para o commandante da força policial, que, pallido e sem dizer palavra, passeava pela casa toda. Se elle recebesse um telegramma agora, podia cá estar ainda hoje; sei que está em Paris.

«E' preciso interrogar os creados. Elles devem saber onde o patrão costuma hospedar-se. Mas, não ha outro remedio senão esperar que cheguem.

A dizer isto, approximou-se da janella e olhou para fóra. Esperava ansiosamente o discipulo. Os primeiros raios do sol pareciam querer desfazer o espesso nevoeiro.

Approximavam-se duas silhuetas de mulher, embaçadas em amplos mantos.

Eram Betsy, a criada de quarto, e Polly, a cosinheira. Pararam, espantadas, por verem ainda luz em casa.

—Que quererá isto dizer? diziam ellas, uma para a outra, muito longe de desconfiar que Sherlock as espiava. Porque haverá ainda luz em casa?

—Provavelmente, a senhora não se deitou outra vez. Ella! sim, coitada! disse Betsy.

As duas raparigas abriram a cancella que dava para a entrada lateral da casa.

Mas, apenas tinham entrado no quarto, um grito de medo se lhes soltou dos labios. Acabavam de avisar, á fala, um policia, que lhes perguntava:

—D'onde é que võem? Porque abandonaram a casa esta noite?

Anaquiillava-as o terror da policia.

—Tinhamos licença de sair. Nós não fizemos mal a ninguem!

A porta tornou a abrir-se e appareceu Sherlock Holmes.

—Dê-me licença que eu tale a estas raparigas, disse elle, fazendo sign! ao policia para sair.

Depois, voltou se para ellas:

—Aconteceu uma grande desgraça. A senhora está... ferida!

As mulheres soltaram outro grito. Sherlock Holmes adquiriu a certeza de que ellas não eram coniventes no crime.

—Vocês vão contar-me exactamente o que se passou aqui hontem: quem era que malady esperava, que visita recebeu, antes de saírem. Digam-me lá isso, depressa, e tudo que sabem a esse respeito.

—Eu cá não sei nada, lamentava-se a cosinheira, que se deixou cair n'uma cadeira a morrer de susto.

—E a menina Betsy, sabe qualquer coisa? Antes de mais nada, diga-me o endereço de lord Malcolm, para que eu possa dar-lhe um telegramma!

—Paris, Elysée-Palace Hotel, respondeu ella, qua-

si automaticamente. Mas, pelo amor de Deus, que foi que aconteceu á minha querida senhora?!...

—Foi assassinada, responde o agente de policia secreta, lentamente, destacando as sillabas.

As duas mulheres deram um sentido e forte grito, e refugiaram se em um canto do quarto, como se as ameaçasse um grande perigo.

Sherlock Holmes franziu o sobrolho:

—Não façam de creanças pequenas, disse elle. Se não quero soffrer incommodos, respondam claro e só a verdade.

Dizia isto ás mulheres, e tirava da algibeira um impresso de telegrammas, em que escreveu:

«Lord Malcolm, Paris. Elysée Palace. Venha immediatamente. Esposa ferida. Sherlock Holmes».

Leve isto, já já, ao telegrapho, disse elle, dando o despacho ao policia, que esperava atraz da porta. Depois voltou-se para Betsy:

—Vamos, conte lá isso. Que se passou hontem cá em casa?

—Mylady tinha-nos dado licença de passar a noite no baile da taverna das Corôas. Disse me que puzesse dois talheres na mesa; esperava uma amiga.

—Quem era essa amiga?

—A senhora não disse. Provavelmente, era uma que vinha cá, sempre que mylord estava ausente.

—Quer dizer com isso que sua ama tinha segredos para o marido?

—Não, ora essa! Vae ver: Lord Malcolm não fazia caso nenhum dos parentes e dos antigos conhecidos e amigos da senhora; e ella recebia-os na sua auzenzia, sem que elle ignorasse isso; porque a minha senhora não tinha segredos para o marido.

—Veja lá bem, Betsy: a menina sabe mais alguma coisa: Mylady empenhava-se em guardar segredo d'essa visita; a não ser assim, não daria licença para saírem as duas.

—E' que Pedro ficava!

—Pedro tambem cá não estava, quando se deu o caso. Quando eu cá cheguei, era meia noite, estava a porta aberta, e o Pedro não deu signal de si!

Betsy empallideceu ainda mais.

—Meu Deus! tambem elle seria victima de alguma desgraça?

—Porque julga isso? O seu quarto está em ordem. Foi coisa que saiu sem licença, julgando que não haveria novidade.

—Oh! Senhor Sherlock Holmes, que idéa que faz do Pedro! Ao fogo elle era capaz de lançar se pela senhora!

—Diga-me, Betsy — a verdade, hein? — Beberia elle em demasia, uma vez que outra?

—Não mais que outro qualquer. Desde que o conheço, nunca o vi bebedo!

—E amantes, teria alguma?

—Oh! senhor, com aquelles cabellos brancos!...

—Pois, sim; mas, como explica a sua auzenzia? Betsy impertigou se.

—Já o senhor o procurou bem? Foi ao subsolo?

—Ainda não fui, porque estava fechada a porta. Podemos agora lá ir; mas, não está.

—Vejamos sempre, senhor Holmes. Na cave ha

a machina de aquecer agua para a sala do banho e o gabinete de toilette. Pedro é que tratava d'isso.

Betsy caminhou para a porta. Mas, Sherlock Holmes seguiu-a pela manga:

— Já lhe disse que a cave está fechada.

— Nunca esteve! Quem a fecharia?

Pensando que ali encontraria outro cadaver, o polícia decidiu-se.

— Venha comigo, Betsy, e a menina também, Polly. Logo me dizem se encontram alguma coisa fóra dos seus logares.

Nada se encontrou deslocado na cave. Sómente, a porta que dá para o calorifero, sempre aberta, estava fechada.

Muito sereno, Sherlock Holmes tirou da algibeira um instrumentosinho de aço, delicadamente trabalhado, e metteu-o na fechadura. A porta cedeu logo.

O quarto estava vazio.

Também ali não havia signaes de lucta? A ausencia de Pedro tornava-se inexplicavel, e cada vez se avincaava mais no espirito de Sherlock Holmes a idéa delle ter participado do crime.

As duas criadas que se desfaziem em lagrimas, pediram licença para ver a sua senhora, morta. Também quizeram ir á casa de jantar para se certificarem de que nada havia sido mudado.

Betsy fez reparo em que o logar, em que a ama costumava sentar-se, não tinha sido occupado.

— Então, a senhora só quiz servir-se de uma refeição fria? perguntou Sherlock Holmes.

— Mylady jantou ás sete horas; para dizei a verdade, quasi que não comeu nada, o que muitas vezes acontecia. Deu-me ordem para preparar-lhe qualquer coisa, caso tivesse appetite. Trouxe-lhe um pastel, um frango frio, e outras insignificancias, com o competente vinho. Mylady costumava estar levantada até muito tarde, e, quando lhe parecia, comia alguma coisa.

— E, que fazia ella, quando estava só até tarde?

— Uma vez cantava, outras lia, ou escrevia cartas. Quasi sempre, estava triste, e não fazia nada.

Sherlock Holmes approvou com a cabeça. Sabia que lady Mary, apesar das brilhantes condições da sua existencia, soffria muito de ataques de melancolia. Continuou o interrogatorio:

— Onde guardava a senhora a chave da sua secretaria?

— Quasi sempre a trazia comsigo. Muitas vezes deixava-a todo o dia em cima da mesa em que escrevia. Mylady não tinha segredos.

— Do que não podem duvidar é que tinha inimigos; sem isso, qual seria o mobil do crime? Tinha as suas joias comsigo e não lhe roubaram nenhuma.

— O senhor encontrou, por ventura, o dinheiro que a minha senhora foi hontem receber ao banco?

— Onde estava elle? Na algibeira?

— Não, senhor; numa caixinha mettida na parede do boudoir.

Sherlock Holmes levou Betsy, para lhe mostrar o sitio da caixa.

Por traz de um antigo Gobelín, trabalho admiravel, havia um armariosinho praticado na parede.

A chave estava na porta.

— Ah! lá está a chave! exclamou Betsy. Nunca Mylady a deixou na porta. Houve roubo, com toda a certeza!

Sherlock Holmes mordeu os labios. O roubo foi o mobil do crime, impossivel de negar. Era necessario, pois, procurar conhecer, quanto antes, os numeros dos titulos roubados; para os competentes avisos de opposição.

Tudo parecia indicar que a causa do assassinato fóra o dinheiro. Ainda assim, esta voz interior, a que os seus admiradores chamavam o seu instincto, não cessava de dizer a Sherlock Holmes que o verdadeiro mobil não era o roubo; e elle prometia a si mesmo desvendar o mysterio.

— Eu profundarei o negocio, dizia elle, entre dentes. E, sem dizer mais nada, foi para a porta da rua.

Harry não podia tardar.

Dahí a nada avistou-o a entrar na praça.

— Não sei se trago alguma coisa que preste, disse o rapaz ao mestre. Aqui está a lista dos hospedes actuaes do Hotel do Globo. Entre elles ha um que foi chamado ao telephone por lady Mary Malcolm.

— Quem te disse isso?

— O guarda-portão. Foi elle mesmo que recebeu a communicação. Era uma voz de homem, que disse ao senhor Lovell que devia ir á noite a casa de lady Mary.

— E tu disseste ao porteiro que lady Mary Malcolm tinha sido assassinada algumas horas depois?

— Oh! n'essa não caia eu. Limitei-me a perguntar quem era esse senhor Lovell. Responderam-me que era um senhor muito elegante, que viajava em companhia de uma creatura muito formosa, de cabellos negros—o porteiro não falou em dama. Esses dois individuos pareciam ser artistas, ou coisa semelhante. Viviam á grande e faziam todos os dias muitas e custosas despezas extracordinarias que pagavam á vista.

Lovell partiu hontem á noite, ás onze horas.

— Muito bem, meu Harry; graças aos teus bons serviços, vamos avançar um pouco. Sabemos, então, que esse tal Lovell foi mandado, hontem á noite por um homem, talvez o excellento Pedro. E, esse appello seria fingido ou realidade? O Lovell, será, ou não, o assassino? Hei de saber isso no dia que começa. Tu vaes ficar aqui. Não convém abandonar esta casa á vigilancia unica dos nossos bons amigos da policia regular. Toma muito cuidado que não mudem seja o que fór, como está. Não percas de vista as duas criadas, e, se souberes alguma novidade, participa-me por um destes caros policias.

— E, onde devo mandal-os?

— Eu d'aqui, vou direito ao Hotel do Globo. Depois, irei a casa tomar um banho, para estar fresco e bem disposto. Fumarei em seguida uma cachimbada, e, ahí pelas nove horas, estarei de volta.

Sherlock Holmes, dirigindo um amistosó adeus ao seu discipulo, pegou no chapéu e no sobretudo, e deixou a casa, a passo tranquillo.

Harry viu-o afastar-se, espantado.

Esta tranquillidade apparente, seria um subterfugio? Ou a febre profissional teria invadido este mes-

tre, que elle tanto estimava, a ponto de apagar em si todo e qualquer sentimento pessoal, para se tornar só e puramente um boleguim, um sabujo, lançado na pista, no rasto?

CAPITULO III

Um marido indifferente

Um homem de alta estatura e elegante de porte e maneiras, desembarcou á tarde em Londres, vindo de França. De phisionomia descórada e impenetravel, chegou ao pé do palacio Malcolm.

Era o lord Henry em pessoa, que mandou pôr, em paris, um comboio especial para poder apanhar o transporte maritimo em Douvres.

Com passo igual, a cabeça de cabello negro um pouco encostada para traz, segundo costumava, penetrou em sua casa.

Que coizas iria elle conhecer?

Que significava o terrivel telegramma, apesar de muito vago, do celebre policia, que elle sabia relacionado com sua mulher?

O silencio profundo que o recebeu, o aroma das flores e de pinheiro verde fizeram-lhe arrepios.

O primeiro homem com quem deparou nesta casa, tão extranhamente transformada, foi Sherlock Holmes, que lhe saiu ao encontro, de modo estendiada.

—Desculpe-me, mylord, disse-lhe elle a meia voz, de não ter-lhe telegraphado de modo mais explicito. Não quiz annunciar-lhe muito bruscamente a tragica noticia!

—A tragica noticia? Que quer dizer?

—O senhor não comprehende, mylord; é que sua esposa foi victima de um aleivoso assassinato!

Malcolm deixou-se pesadamente cair sobre um banco do pateo.

—Morta! murmurou elle com voz que mal se ouvia. Diz-me que minha mulher está morta?

Sherlock Holmes fez um gesto de cabeça affirmativo.

Por alguns segundos, o lord ficou como que petrificado. Parecia ter perdido os sentidos.

Palpitavam-lhe as narinas. Procurava recuperar a respiração. Uma pallidez mortal lhe cobriu as feições regulares.

Mas este estado não se prolongou muito.

Cerrou os labios, endireitou-se no banco, e disse, por entre dentes enrihados:

—Conte-me tudo! não me occulte nada.

O policia fez a sua narração.

O mais breve possivel, Sherlock Holmes contou as peripetias do drama, como se se tratasse de um caso indifferente. E elle, com parecer sereno e calmo, escutava, como se lhe estivessem a fallar de uma desconhecida.

Quando Sherlock Holmes terminou, o lord passou a mão pelos olhos e perguntou com voz surda:

—Não sabe mais nada? Quem é o assassino?

—Ao certo, não sei. Pelo que respeita a presumpções, não direi nada senão depois de se tornarem certas.

—Mas o senhor Holmes comprehende perfeitamente que eu quero, desejo, saber em que sentido encaimha as suas supposições. Julga que o crime se fundou no roubo?

—E v. ex.^a, mylord, não pensa assim?

—Tenho medo que haja no facto uma outra coisa. Não quero dar-lhe uma indicação que o induza em erro, mas supponho que ha ciúmes n'este drama.

—Ciúmes? Então julga que lady Mary tivesse um... admirador?

—Oh! tinha até mais! Admira-se? Minha mulher era muito formosa, bem sabe, e todos os homens que chegavam a conhecê-la, se apaixonavam. Também não deve esquecer, que ella mantinha relações com certas personalidades da sua antiga existencia theatraal, personalidades, cujas concepções, no ponto de vista dos costumes e da honra, diferem essencialmente das que se formam no mundo em que vivo. Não pensava n'um admirador—não nos entendemos. Existe alguém com immensos ciúmes de lady Mary, por minha causa.

—Mylord, disse friamente Sherlock Holmes, eu é que não tenho que decifrar semelhantes enigmas. Queira falar claro, e precisamente. Quer dizer que teve, ou ainda tem, relações com uma mulher que tinha ciúmes da legitima esposa de V. Ex.^a?

O lord approvou com a cabeça:

—Penso que tenho responsabilidades na occorrença. Tem ouvido falar da bella Ellen Brewer?

—A amazona?

—Ela mesma. Era minha amante antes de me casar. Emquanto que eu não sentia por ella senão uma passageira paixão, a má sorte quiz que Ellen experimentasse por mim um profundo e violento amor. Não poud esquecer-me, e appareceu-me, um anno depois do meu casamento.

—Ora vejaml V. Ex.^a póde oppor sua verdadeira esposa a essa amazona de circo! Isso não se admite no mundo que V. Ex.^a frequenta, onde ha uma tão elevada concepção dos costumes e da honra!

O lord encarou com altivez no policia, que sorria amargamente. E, sem prestar attenção a esse sorriso, continuou:

—Ellen Brewer é o amigo com quem fui então a Paris.

—Ah! Desse modo, essa mulher não pode ser suspeita de cumplice no crime?

—Ellen? não, decerto. Mas, tem parentes, e amigos muito delicados aos seus interesses. Assassina ram, talvez minha mulher, porque toda essa sucia esperava que eu a desposasse, quando estivesse livre.

—E, V. Ex.^a tinha dado alguma esperanza a miss Ellen nesse sentido?

O lord endireitou-se.

—Toma-me, então, por instigador do crime? Nunca prometti semelhante coisa a Ellen. Eu amava minha mulher; accedi a esta viagem só e simplesmente por fraqueza da minha parte, sem coragem para me oppôr á imperiosa paixão d'ella.

—E, miss Ellen estava presente, quando V. Ex.^a recebeu o meu telegramma?

—Não; estava dormindo, e eu parti, sem acordar.

Ella tinha tenção de voltar a Londres amanhã, por ter cá negocios a tratar.

—Está bom, mylord. Fará favor de dar-me a morada dos paes de miss Ellen Brewer?

—Sinto muito, mas, nunca tive dares nem tomares com essa gente. Minha mulher é que frequentava ainda algumas pessoas d'esse jaez. Ella é que poderia responder-lhe melhor do que eu.

Sherlock Holmes tomou algumas notas rapidas na sua carteira, despedindo-se do lord, a seguir.

—Não quero perturbar por mais tempo o... luto de V. Ex.^a, disse elle ironicamente. Posso, então, proseguir nas diligencias da descoberta do crime, mylord?

—Boa pergunta! se eu o não tivesse encontrado aqui, o meu primeiro cuidado seria chamal-o. Parecece-lhe que esta morte terrivel me não afflige sufficientemente?

—Oh! pouco perdão, observou o policia; desempenho aqui o papel de policia e guardo para mim quaesquer sentimentos que o crime me possa suggerir.

—O caso não é esse, senhor Holmes. Sei que era um bom e grande amigo de Mary; é por isso que desejo dar-lhe mais um pormenor, que, de certo, o vae surprehender. Tome lá isto, queira ler.

E Malcolm deu-lhe uma carta, escripta por Mary, alguns dias antes.

A carta dizia assim:

«Meu caro Henry, peço-lhe que me mande um cheque de dez mil libras. Se a quantia lhe parecer um pouco exagerada, lembro-lhe que devo á costureira uma elevada somma, assim como á modista com quem desejo saldar contas. Como agora se encontra em Paris com o seu amigo, e as despesas ahi não serão grandes, pelo natural escrupulo de não empregar mal o seu dinheiro, acho que não haverá inconveniente em satisfazer este meu pedido. Tenciono partir um d'estes dias para a Escocia, e á ultima hora lhe pedirei algum dinheiro.

«Agora passo menos mal de saude. Divirta-se o mais que puder. Recomende-me ao seu amigo de collegio, se bem que não tenha o gosto de o conhecer, e receba affectuosas lembranças da «sua Mary».

—E então? perguntou Sherlock Holmes. E depois?

—Naturalmente mandei-lhe o cheque, e, como ha pouco me disse, minha mulher cobrou-o. O que é extraordinario é que esse dinh-iro não era para a costureira, nem para a modista! Telegrapei a ambas, para fazer uma surpresa a Mary: queria pagar as facturas e deixar o dinheiro para ella. Mas, as duas responderam-me, que lady Malcolm «infelizmente» nada lhes devia, por ter pago tudo á vista das contas...

—Ah! De modo que o dinheiro teve outro destino?

—Effectivamente. E um destino, que ella me occultou. Até á minha mulher teve segredos para mim. Era a primeira vez que me mentia. Assim perguntarei eu: para que queria ella tanto dinheiro?

Sherlock Holmes estava como que abstracto, a olhar na sua frente, com ares de quem não está satisfeito. Lady Mary era pura como um anjo. Não teria duvida nenhuma em jural-o. O dinheiro não apparecia e não tinha sido roubado, mas, verosimilmente, dado á visita que se lhe apresentou em casa n'aquella noite terrivel.

O policia resolveu continuar o inquerito.

Quiz despedir-se do lord, mas este reteve-o:

—Disse-lhe, senhor Holmes, que eu amava minha mulher. Acredite-me, se quizer. Sei que os meus actos discordam do que digo. Mas, tome bem nota d'isto:

«Esta morte deve ser vingada, e ha de sel-o.

«Não se poupe a despezas por grandes que sejam. Espalhe á roda de si oiro ás mancheias. Quer seja o sequito de Ellen Briwer, quer seja ella propria que o commetteu, não quero que o assassino escape ao rigor das leis. Será escusado accrescentar que os seus proprios honorarios serão calculados com a generosidade de um principe.

Sherlock Holmes fez-se vermelho até á raiz dos cabellos.

—Desculpe, respondeu elle com grande apurmo.

Metti-me n'este negocio, porque a desventurada Lady Mary me chamou em seu soccorro. Jámais consentirei que esta intervenção, inutil ou não, me seja paga. Se tiver a dita de levar as minhas diligencias a ponto de conhecer a verdade, a satisfação do bom exito dos meus esforços me indemnizará larga e sufficientemente dos incommodos que tiver.

E, fazendo uma grande mesura, saiu. Mas, não deixou a casa.

—E' necessario que eu observe um pouco este marido extraordinario, murmurou elle; e metteu pela escada que dava para um terraço, mesmo deffronte das janellas do quarto de Lady Mary.

Avançou com maxima precaução e olhou para dentro.

O que viu emocionou o profundamente.

Lady Mary jazia estendida no seu caixão, no centro do committimento, com as admitaveis mãos em cruz sobre o peito. Reflectia-lhe o rosto uma expressão de paz e repouso, que ella nunca em vida tinha tido.

Abriu-se a porta e appareceu lord Henry.

Tinha os punhos fechados e collocou-os nas fontes como se receasse que a cabeça se lhe abrisse. Pintava-se-lhe nas feições até ali tão impassiveis, uma dôr incomportavel. Caiu junto do fereiro, como a arvore arrancada pelo tufão.

E assim ficou por muito tempo.

Sherlock Holmes viu um immenso suspiro inchar-lhe o peito, e correrem lhe dos olhos maguados abundantes lagrimas, cada vez que se fixavam no rosto da morta.

Por fim, ergueu-se, e foi direito á caixinha em que Sherlock Holmes tinha procurado o dinheiro desaparecido.

As mãos tremulas do lord palpavam a parede por um instante.

Fez um esforço, uma parte da parede entrou na sua grossura, e o lord tirou um maço de cartas.

Approximou-se da lampada, e examinou-as, uma por uma. Do sítio em que estava, Sherlock Holmes, com a sua agudíssima vista, ponde ver que não eram da letra do lord, rasgada e espessa, mas de uma calligraphia fina e acanhada.

A janella não estava completamente fechada, e o policia ouviu estas palavras:

—Até que enfim... são minhas! dizia o lord, com uma voz aspera, quasi cruel.

—Oh! Mary! Ninguém no mundo saberá o que fizeste. Prefiro passar por um devasso, por um marido infiel. Melhor é isso do que, se á perda cruel que experimentei, viesse juntar-se o chasco de toda a gente.

Depois fechou a caixinha, cuja existencia elle agorá cuidava só conhecer, tirou a chave da fechadura e metteu na sua carteira.

—Ninguém irá procurar-as ali dentro, murmurou elle. E, enquanto eu viver, ninguém lerá essas cartas que fariam luz imprevisita sobre esta morte mysteriosa.

E o lord, puxando uma cadeira para junto do caixão mortuario, ali se quedou, abysmado na contemplação d'aquelle bello rosto tão pallido que parecia sorrir-lhe com um sorriso de paz, mas tambem de mysterio!

CAPITULO IV

O mordomo do hotel

No gigantesco Hotel do Globo havia constante mudança de hospedes. Era difficil seguir ali qualquer pista.

Depois do meio dia, fazia serviço de correitor no pateo do estabelecimento, um rapaz alto e magro, que se parecia muito com Harry Taxon.

A direcção do hotel chegara a noticia da morte de lady Mary Malcolm, e Sherlock Holmes participou-lhe que desejava procurar o assassino n'aquella casa.

A fama do policia abria-lhe todas as portas, principalmente em Londres, e assim se facilitava muito o desempenho da sua missão. Além d'isso, sabia-se que Sherlock Holmes difficilmente se enganava nas suas supposições, e que, quasi sempre, a pista que seguia era certa.

Mister Lovell, que elle procurava, estava inscripto no livro das entradas como «sem profissão». Era um homem de aspecto elegante, ainda moço, solidamente constituido e musculoso. Tinha cara de oriental, apesar dos seus olhos azues escuros de olhar vivo e, insinuante. Usava toda a sua barba preta, aparada em ponta. As mãos finas e bem tratadas.

Esta ultima particularidade tinha sobretudo chamado a attenção de Sherlock Holmes, na primeira visita que fez ao hotel, depois do crime.

Sabia que os jornaes da manhã nada diziam do sensacional acontecimento.

—Não quero dizer-lhe o nome do individuo das minhas desconfianças, disse elle ao director. O senhor e os seus empregados não poderiam deixar de o dar

a conhecer, e o assassino, que é muito intelligente e que, por ora, de nada desconfia, daria logo por isso. O melhor será o senhor tomar-me como criado de mesa. E' provavel que todos os hospedes tomem, pelo menos, uma refeição por dia na casa de jantar, não é assim?

—De certo, a nossa cosinha é considerada a melhor de Londres. Faça o que lhe parecer, senhor Holmes, dou-lhe carta branca. Para entrar aqui tome os disfarces que quizer. E' verdade: quer o logar de mordomo?

Uma hora depois, Sherlock Holmes entrava no exercicio do seu novo cargo. Pela engenhosa caracterisação que fez, nem mesmo os seus mais intimos amigos seriam capazes de o conhecer.

Fez com que tomassem o seu discipulo Harry na qualidade de correitor do pateo, e deu-lhe as seguintes instrucções:

—Toma-me muita conta com esse malandro, que se chama Lowell. Se elle sair do hotel, se tomar uma carruagem saberás onde vae. Na rua postei um dos nossos, que o seguirá. A respeito da mulher que o acompanha, para isso cá estou eu.

—Mas, mestre, como poderá ao mesmo tempo desempenhar o papel de mordomo do hotel?

—Não seas tão curioso, Harry. Já tenho feito muito mais que occupar dois logares á uma.

No primeiro dia, mr. Lovell não deu mostras de querer sair, nem desceu á casa de jantar.

Fazia-se servir no seu quarto, e o criado, ás suas ordens declarou que mr. Lovell e a «sua dama» miss. Elvira Brossetti, eram peças de recommendação.

Os seus quartos tinham os n.ºs 27 e 28. Sherlock Holmes pediu para si o n.º 29. Não pde servir-se do 26, por estar pedido para um hospede, que devia chegar á toda a hora.

—Mas, porque escolheria elle, precisamente, este numero? perguntou Sherlock Holmes?

—Pediu um quarto no 1.º andar, com sala de banho particular. O n.º 26 estava no caso. O outro do primeiro é independente e não satisfazia ao pedido.

—Conhece esse senhor?

—Pessoalmente, não. Aqui tem o telegramma em que elle se annuncia. E Sherlock Holmes leu esse despacho vindo de Paris:

«Reserve-me, hoje, bom quarto sala de banho, só primeiro.

Barão Ballières».

—E' um nome francez, murmurou o policia, talvez um simples acaso,—é talvez um scio da companhia Lovell e Comp.ª.

Em todo o caso, tomou conta do quarto n.º 29: mas teve uma desagradavel surpresa, verificando que a communicação com o 29 tinha sido interrompida por um pesado armario de carvalho.

O seu primeiro cuidado, depois de fechar a porta, foi furar o armario e a porta que lhe estava por traz. Facilmente o conseguiu, por conhecer muito bem o officio de ladrão; e tambem percebeu que não ouvia

absolutamente nada do que se passava no quarto contíguo.

—Necessito de uma licença para poder abrir todas as portas. disse elle para o director. Esse barão Bailleurs só chegará amanhã ou depois. Posso, sem perigo, passar uma hora no seu quarto.

Munido do passe, entrou no n.º 26, sem receio, graças as solas de feltro dos seus sapatos.

Correu o ferrolho, por precaução, e encaminhou-se subtilmente para a porta que dizia com o 27. Esta, não tinha armario por traz, e poudo ver o que lá havia, pelo buraco da fechadura. Lobrigou uma linda mulher, de cabello castanho claro, atirando para rui-vo, que parecia muito entretida em pôr na cabeça, com um auxilio de um espelho de cima da commoda, um diadema de perolas.

Mr. Lovell estava sentado n'um sophá ao pé d'ella.

—Que feliz me sinto, dizia Elvira rindo, por ter, afinal, este diadema! Bem que t'ó pedi, Adalbert!

—Era necessario estar em circumstancias de o poder comprar, minha filha; bem sabes que isso representa uma fortuna!

—Ora! Acabas de apanhar outra, que não foi tão pequena!

—Por Deus! fala baixo. No hotel, as paredes têm ouvidos!

—Não tem duvida. Vê o admiravel brilho d'estas preciosas perolas!

—Que differença das falsas que tens usado até agora! Essas não enganam nem uma inexperiente creança. E que bem te ficam!...

Lovell lançou o braço em roda da cintura de miss Elvira, e depoz um terno beijo no pescoço da linda mulher.

—Quem foi o joalheiro que t'as vendeu?

—Isso não são perguntas que se façam, pequena. Sómente te digo que foi um dos fornecedores da corte, e que esse diadema vale duas mil libras!

Elvira exultava. O preço das perolas tornavam-na ainda mais feliz que a sua formosura.

—Agora, exclamou ella, é gosar a vida a grande! «Não imaginas quão feliz me sinto por ter forçado essa idiota, essa tola Mary, a receber-me, apesar da prohibição do esposo...»

—Não te calarás, mulher! interrompeu Lovell, furioso.

O coração de Sherlock Holmes parecia querer despedaçar-se á força de bater. Que Mary seria essa a que se referiam?

Teria encontrado a boa pista?

Elvira, muito contente, desatou a rir.

—Realmente, disse ella, quem te ouvisse, julgaria que tens um crime a roer-te na consciencia. Afinal, isso, não passa de um pequenino rombo de alguns milhares de libras na fortuna de uma creatura riquissima.

—O bastante, rosou Lovell, para nos metter em danças. se chegam a conhecer o autor da proeza.

—Quem será capaz de o saber, meu Adalbertinho? Ninguém nos viu, e, então...

—Não é necessario que nos tenham visto, para

tudo se saber, respondeu Lovell, em tom rispido. Desconfio que esse maldito Sherlock Holmes anda mettido no negocio. Era amigo desta pobre Mary...

Elvira retrucou-lhe, furiosa:

—Pelos modos, tens muita pena d'ella? Estavas, talvez, apaixonado por essa cara de lua cheia, imbecil!

—Palavra que não, mas, era dispensavel a sua morte. Estou com medo de que Tiny nos tenha mettido numa rascada dos diabos!

Elvira transtornou-se de feições para um parecer duro e cruel, e respondeu:

—Tiny é um asno! B-m pode elle tratar de não cair nas garras da policia. Mas, lá, onde está escondido, bem fino será quem o encontre... ah! ah! ah!

—Demais disso, amanhã, ou depois, deixaremos Londres. Teria sido tolice partir logo. Mas, não quero esperar mais tempo. Isto, aqui, já me não cheira muito bem!

—Acho que não és sufficientemente precavido, Adalberto. Parece-me com esse casmurro de lord Malcolm, que nos apparece sempre om cara de desenterrado, mesmo quando o champagne corre a faltar.

—Outro nome! observou Lovell, colerico. Esqueces a mais elemental das prudencias!

—Então, que tem isso?

—Não se trata só de mim. Se nos lançarem a rede, iras tu, tambem!

—Bé! respondeu Elvira; nada podem contra mim.

—E. quando isso aconteça disse Lovell exasperado. Se Tiny e eu formos presos, cuidas, talvez, que não irás egualmente na malinha?

—Alto lá! Eu não cuido nada; sei, sómente, que não sou responsavel pelos seus actos.

—Ah! sim! A lei é que não é da tua opiniao. Induzir qualquer ao crime, é, ás vezes, mais grave, que commettel-o.

Mas, Elvira continuava de aconchegar as perolas no cabelo.

—E's insupportavel, meu caro. Não gosto de questionar contigo. Viva a alegria, viva a belleza! E viva, sobretudo, Elvira Brosetti. — Dizendo isso, emborcou um copo de champagne.

Bateram á porta. Lovell sobresaltou-se. Era o corretor que trazia bilhetes da opera para essa noite, e perguntava se desajavam carruagem.

—Já se vê! respondeu Elvira. Está bem de ver que não iríamos á Opera a pé!

Lovell saiu por instantes com o corretor e o policia viu a mulher fazer uma careta nas costas do companheiro.

—Que avarento! murmurou ella. Exactamente o que mais detesto! Encabrita por tomar um trem do hotel; mais caro que os de praça. Oh! mas, isto não durará muito. Estou farta! Tenho outros homens á mão quando eu quizer. Mais algumas perolas, sempre saherei arranjar.

Dahi a um quarto de hora, andava Sherlock Holmes pelos principaes joalheiros, para saber onde Lovell comprara o precioso diadema.

Com grande espanto seu, adquiriu a certeza de se

não ter vendido nos dias precedentes joia nenhuma igual.

— As perolas verdadeiras só se vendem nos primeiros joalheiros de Londres, pensou elle Para que o homem tenha dado tanto dinheiro por aquellas, não foi para ahí a qualquer *bric à brac*.

Mas, quando acabou o giro, tendo recebido sempre a mesma resposta, assaltou-lhe o espirito um pensamento. Elvira tratara Lovell de avarento. Porque não a teria elle enganado com perolas falsas?

Pela primeira vez, desde a vespera, um sorriso assumou aos labios de Sherlock Holmes.

— Não querem lá ver o pilho! Bem lhe havia eu lido na cara que presenteara a amante com perolas falsas, guardando o dinheiro para si. Trata-se agora de descobrir esse Tiny de quem os dois falavam ha pouco. Vou á Ópera com elles, e não os largarei um só momento.

O guarda portão recebeu ordem de comprar dois logares de camarote para Lovell. Não seria difficil arranjar terceiro no mesmo camarote para Sherlock Holmes.

Harry Taxon recebeu o encargo de vigiar as duas personagens na ausencia do policia. Este, foi a sua casa, onde recebeu nova transformação. Meia hora depois, sahí em trajos de rapaz do grande mundo, loiro, com finos bigodes frisados, de casaca e gravata branca; correctissimo.

Encontrou Elvira e o amante no camarote, fidalgamente paramentados. As perolas ostentavam-se agora junto ao decote do vestido. Sherlock Holmes dedicou-lhe particular attenção. Concluiu que eram d'essas perolas chamadas perolas de Bourguignon, feitas de cera e colla de peixe, finamente trabalhadas.

Quasi no fim do segundo acto, appareceu o camarote uma visita. Era um homem franzino, de bigode loiro. Recebeu um acolhimento muito amigoso, mas um pouco reservado, aconselhado, talvez, pela presença de um desconhecido.

—Boa noite, Lovell, disse o recémchegado. Agradalhe a peça?

—Oh! bem sabe, conde, estou aqui por minha mulher, que dá a vida pela musica. Eu, é coisa que me contende com os nervos: detesto-a. Tomara-me já fóra d'aqui, onde nos falta a respiração, e voltar ao hotel para tomar um pouco de champagne frappé.

O conde inclinou-se com ar de preocupado.

—Estou um tanto aborrecido, disse elle, em tom dolente, lançando olhares perscrutadores para o intruso que occupava o fundo do camarote. Já leu os supplementos dos jornaes, que por ahí andam a vender pelas ruas?

—Não! Que ha de extraordinario? Correm na cidade boatos de guerra.

—Não é coisa tão seria: não passa de um crime. Encontraram lady Malcolm estrangulada. Aquella loira muito linda que lhe mostrei em Hyde Park, sabe?

—Oh! é terrivel! exclamou Elvira. Não devia dizer-me isso, antes da ceia, conde. Vou perder o appetite.

—Tem razão, desculpe, minha senhora, mas, causou-me forte impressão a noticia. A formosa lady me-

recia-me muita sympathia. Era cantora, em tempos, sabe?

—Se sei! Chamava-se Mary Tamano, balbucion Lovell. Conhecia a muito bem, quando era moça. E, diga-se a verdade, era muito reservada e conveniente n'essa epoca.

Elvira disparou the um olhar impregnado de concentrada colera; não podia supportar que lousvassem uma mulher na sua presença, ainda mesmo a desgraçada que jazia pallida e fria no seu athaude.

Baixou-se o panno, e os tres levantaram-se. Sherlock Holmes desviou-se delicadamente para os deixar passar. E elle notou que Elvira lhe atirara uma olhadelha provocante.

Um quarto de hora depois, lá estava de novo no seu posto de mordomo, nas salas de jantar do Hotel do Globo. Ninguém veria nelle o loiro janota de ha pouco, n'aquelle camarote da Ópera.

CAPITULO V

Os charutos pagam-se á parte

Mr. Lovell arranjava-se bem. Encomendou um jantar delicado, com os primeiros e mais caros aceites da casa, não fallando no champanhe, que foi por uma pá velha.

Sherlock Holmes, era quem servia a esta mesa, com mestria de profissional. Isso nada o impedia de escutar a o n'ersação dos tres convivas, que nem por sombras desconfiavam de nada.

A uma mesa vizinha, fallava-se do assassinio de Mary Malcolm. O conde dirigiu-se a Lovell:

—Ouvej! Já nomeam o policia da secreta encarregado do inquerito

—Talvez Sherlock Holmes, não é? perguntou Lovell.

—Não veem nada senão pelos seus olhos, quando é verdade que o tal policia não inventou a polvorra. Estou persuadido que tudo o que contam do seu extraordinario instincto e do seu inverosimil poder de deducção é exagerado.

—E' muito possivel. Essas historias de policias interessam-me mediocrementemente. Mordomo, faça favor de trazer-me charutos estrangeiros.

Este trouxe num prato de cristal havanos de primeira.

Os homens serviram-se. Então, o mordomo, disse, com ares de importancia:

—Pego desculpa, sir, mas os charutos pagam-se á parte.

—Ah! está bem! tome lá; traga-me isso trocado em miudos. E Lovell, com modos sacudidos, deitou para a mesa uma nota do Banco, que tirou de uma carteira bem fornecida.

Sherlock Holmes pegou-lhe com satisfação, e desapareceu.

Havia naquelle papel uma nodoa de tinta de escrever. Os olhos do policia brilharam como carbuculos. Essa nodoa tinha uma grandissimo importancia. O empregado do Banco, onde lady Mary foi cobrar o cheque, tinha contado a Holmes, que, quando estava

passando as notas, com a pressa, saltou-lhe das mãos a penna com que a senhora passou o recibo, e sujou as notas.

Sherlock Holmes guardou cuidadosamente aquella nota na algibeira, e trocou-a por outra no escriptorio.

Quando elle regressou á casa de jantar, dizia Elvira:

—Onde está Tiny? Não poderemos ter verdadeira tranquillidade, sem lhe conhecer o paradeiro.

Mas, n'esse momento ia entrando o mordomo, ella continuou n'outro tom:

—A' manhã vamo nos embora, conde. E, o senhor, ainda se demora muito em Londres?

—Não sei, minha senhora. Isso depende do muito ou pouco que me distrahir... Ah! diga-me lá, mordomo, quem é aquelle senhor de cara toda rapada, além, que não tira os olhos de nós?

—E' Sua Eminencia o bispo de Birmingham, sir. Costuma olhar muito de fito para a gente. Já muitas pessoas se tem queixado do mesmo.

E, brincando com o guardanapo, foi ao bufete buscar um calix do licor.

De passagem, segredou ao sujeito de cara rapada, que não era outro senão um policia secreta.

—Não olhe assim para a gente. Imbecil! Voce incommoda as pessoas para quem olha.

Quando voltou á mesa, Lovell perguntou-lhe:

—Diga-me uma coisa, mordomo, conheceu por acaso, um certo Sherlock Holmes?

—Sherlock Holmes, repetiu o mordomo muito surprehendido. Temos o rapazito encarregado do ascensor, que tem esse nome.

—Que asno! murmurou Lovell.

E, em voz alta:

—Não: o famoso policia, de quem os jornaes falam tanto. Pelo menos, ha de conhece-lo de vista?

—Oh! respondeu Sherlock Holmes, com accentuada expressão de idiotismo, estudada para este papel, gente d'essa não vem a este hotel.

O trio trocou um sorriso. Que idiota que o mordomo era! Julgava que todos os pa sageiros eram pessoas de representação.

Já ia adiantada a noite; quando elles se separaram. Tudo levava a crer que se despediriam, sem mais demora quando Lovell disse, como tomado de subita inspiração:

—Vou dar um girozinho comsigo, conde. O ar livre ha de fazer-me bem; desde esta manhã que me não mexo d'aqui.

—Lá em baixo ha um corretor de serviço toda a noite.

A um signal de Sherlock Holmes, Harry desapareceu por uma porta lateral, e mal cuidavam os dois homens, que eram seguidos por um individuo, que como quem vai de passeio, caminhava na sombra do outro lado da rua. Era o proprio Harry Taxon.

N'este meio tempo, Sherlock Holmes foi deitar-se na cama do quarto 2º, e como nada se oppunha a que descansasse um bocado, deixou-se enlevar n'um somno reparador.

Acordou pela manhã, ao ruido que Lovell fez quando entrou. Este deitou-se logo. Com certeza de que o

passaro não saia da gaiola tão depressa, teve léo de seguir, bem disposto de espirito, as diferentes pistas que se lhe apresentavam.

Ainda de noite, foi a casa, onde encontrou Harry Taxon, que dormia profundamente.

—Pobre rapaz! disse Sherlock Holmes, curvando-se para elle, não posso deixar-te dormir. Esta noite que vem será outra coisa: tão verdade como eu existir, até lá estarei senhor dos assassinos.

«Vamos lá acorda, filho, gritou-lhe o mestre, e diz-me o que sabes.

—Oh! desgraçadamente nada tenho que contar-lhe.

Os dois typos estiveram duas horas sentados no café Paris; beberam whisky até mais não. Não pude approximarme d'elles: ter-me-iam reconhecido. A saída tomaram um trem e deram ao cocheiro o endereço do Hotel do Globo. Julguei desnecessario seguil-os para ali, e aproveitei o tempo n'umas pequenas indagações. Entre os alugadores de trens de noite, procurei os que empregam para os animaes palha de aveia. Só encontrei um, cuja morada aqui está.

—E dizes que não tens nada para contar-me, Harry. Pois, eu julgo que este bocadinho de palha me vae conduzir á verdade.

Sherlock Holmes poz-se a caminho, e chegou ao alvorecer a casa do tal alugador de trens.

—Venho perguntar-lhe, sr. Johnston, se se lembra das pessoas que conduziu antes de hontem á noite.

—Antes de hontem? Ah! sim, recordo-me, por signal que fazia um neveiro de trinta mil diabos. Eu mesmo é que andava no giro; não quiz confiar ao cocheiro nem o trem nem o cavallo. Mas a coisa durou pouco: ás onze h-ras estava em casa.

Muito bem, sr. Johnston. Ainda assim teve um freguez, não teve? interrogo-o de um modo preciso, porque se trata de um negocio muito grave. Aqui está o meu cartão, peço-lhe que me responda o melhor que possa.

O bom do velho coçou-se atraz da orelha.

—Que desgraça! respondeu. Com a policia nunca a gente sabe ás quantas anda. Que quer então que eu lhe diga?

—Desjava simplesmente saber se usa trazer dentro do seu trem alguma coisa com palha.

—Não, senhor; mas trago debaixo da cadeira uma caixa com uma provisão de forragens. Foi algum freguez que se queixou? Effectivamente, um dia d'estes, vi que havia uma palhitas dentro do trem.

Os olhos de Sherlock Holmes luziram.

—Não; ninguém fez queixas. Umas palhinhas mais ou menos, não vão á banda nenhuma. O que eu necessito saber é se transportou alguém n'essa noite, a que horas e para onde.

—Isso é facil. Primeiro, uma senhora que foi da estação de Victoria para o Hotel do Globo.

—Ah! Ah! E, e essa dama, pouco mais ou menos, como era?

—Não posso dizer-lhe, porque levava a cabeça enrolada n'um grande véo Ia acompanhada por um cavalheiro. Este mesmo, foi o segundo freguez. Fui leve-o—raios me partam se eu sei aonde!—fui, Johnston...

— Russel-road, talvez?

— Ora essa! Como foi que adivinhou?

— Não adivinhei: sei isso, ha muito tempo. Bom! diga-me, agora, que cabeça tinha esse freguez, e a occupação que parecia ter.

— Era baixinho, enfesado, de poucas carnes. De longe, cuidaria a gente que fosse um garoto. Barba, nem raça. Tinha olhos negros, como um carvão. Pela palidez do rosto e brilho dos olhos, parecia enfermo...

— Hum! Não tem isso nada de extraordinario: machinava o crime...

— Quem? Por Deus, que está o senhor dizendo?

— Não leu nos jornaes que Lady Malcolm foi assassinada? Provavelmente, o assassino andou no seu trem, e trata-se agora de saber se é capaz de o reconhecer, quando eu lh'o apresentar.

— Isso é que reconheço, infallivelmente. Como é que o senhor quer que se esqueça uma cabeça d'aquellas? Mas, não comprehendo, porque foi justamente o meu freguez que commetteu o crime!

— Porque levou na sola das botas um bocadinho de palha, que deixou na casa, e porque foi o unico homem que lá entrou n'essa noite.

— O senhor engana-se. Ha lá um criado que veio abrir-lhe a porta e o acompanhou.

— Tem a certeza d'isso?

E Sherlock Holmes olhou para elle, com muitissimo interesse.

— Certes, não tenho; mas, o senhor está a olhar para mim, assim como para um velho tramocá e inuutil! exclamou Johnston, um tanto azedo. Talvez cuide que eu não sei o modo de tratar com a policia secreta? Apesar do nevoeiro, que era de se cortar á faca, vi muito bem o creado. Quando avistou o cavallo, abriu a porta, e fechou-a cuidadosamente depois do freguez entrar.

— Ha de perdoar, observou Sherlock Holmes, mas isso não gruda: meia hora mais tarde estava a porta entreaberta.

— E' possivel, meu caro senhor: Eu, digo-lhe só o que vi, e eu vi o creado, um homem já de certa idade, fechar a porta. Ouvi até uma grande chave dar volta na fechadura. Pensei que o homemsinho, meu freguez, fosse o filho da casa, e que o esperavam.

— Que horas seriam?

— Disse, que ás onze estava de volta. Podiam ser umas onze menos um quarto, quando o freguez se apeou.

— E não sabe mais nada?

— Nada mais. . . Voltei logo para casa por motivo do nevoeiro.

— E a dama que levou ao Hotel do Globo, era alta e forte?

— Não, senhor; era de estatura mean e elegante. Tinha voz clara e nitida. Ouvi-a conversar acaloradamente com o companheiro.

— Percebeu algumas palavras da conversa? Isso teria para mim grande importancia?

— Se o senhor estivesse, como eu, no alto da cadeira, com receio dos seus cavallos partirem as pernas ou o pescoco por causa de um raio de nevoeiro,

teria tempo e vontade de abrir o postigo da frente para escutar a lambareada dos fr-guezes?

— Não; tem você razão; provavelmente não o faria. Obrigado, por todas as suas indicações, e se a fortuna se dignar conceder-me o favor de pôr nas mãos o criminoso, hei de confrontal os, para ver se o reconheço.

Sherlock Holmes foi d'ali ao palacio Malcolm, e lá, esperando que o lord estivesse vizivel, teve uma conversa com as criadas.

Soube, que nem Pedro sempre sem se saber onde estava, nem o cocheiro, tinham dormido em casa, e que a senhora se servira de um automovel, em vez de carruagem.

Foi Betsy que lhe disse tudo isto. Era a unica pessoa que n'aquella casa tinha recuperado a serenidade e presença de espirito. Estas indicações serviram de muito a Sherlock Holmes.

— Diga-me cá, minha filha, perguntou elle, era muito amiga de sua ama?

— Quem não o havia de ser? respondeu a rapariga, com os olhos rasos de agua. Todos nós lhe eramos muito dedicados.

— Tesmo o Pedro?

— Esse, mais que ninguém, senhor Holmes. Vejo que está mal disposto a seu respeito. Mas, eu metteria as mãos no fogo em como elle está innocente d'este crime!

— Havia de gostar de a ver vingada? Pois bem; prometto-lhe uma boa recompensa pecuniaria, se me contar absolutamente tudo o que tem ouvido dizer sobre o passado e a vida conjugal de lady Mary. Tem algum motivo para crer que o lord tivesse ciumes de sua mulher?

— Pelo contrario. Mais bem teria ella ciumes d'elle; o senhor sabe tão bem como nós, que mylord havia reatado com a sua antiga paixão, como é publico e notorio, as relações. . . com a bella Ellen Brewer, que foi sua amante.

— Isso teria sido um motivo para mylady se consolar com um outro.

— Mas, não o fez! Mylady tinha a pureza de um anjo. Recebia cartas e bellas declarações de amor! Isso, fazia-a rir, mas deixava-a fria e indifferente.

Houve um momento de silencio. Depois, o policia voltou-se para Betsy:

— Vou confiar-lhe uma coisa, Betsy, e a menina; vae ajudar me. Reprehei bontem no *boudoir* de Milady, n'um indicio, que, talvez, possa pôr me nas pisadas do criminoso. Precisava lá estar uma hora, até hora e meia, sómente, sem que ninguém me interrompesse. E' capaz de conseguir que me não incomodem n'esse espaço de tempo?

— Cuido que sim. Só se o lord quizesse entrar...

— Oh! é necessario que não entre ninguém, e muito menos elle. Tome sentido: se o lord se levantar e quizer lá ir, entretenha-o de algum modo até que eu saia. Prometto-lhe despachar-me o mais depressa possivel.

— Vá, senhor Holmes, que eu velarei.

O policia foi para o quarto, onde lady Mary se

conservava deitada no seu caixão já tapado, com a propria tampa.

Sherlock Holmes aferrolhou muito bem a porta. Approximou-se da caixinha da parede, levantou-o Gobelín, e experimentou as suas chaves falsas.

A frente do policia suava em bica, quando a portinha cedeu e elle pondeu metter a mão na abertura.

Depressa encontrou a mola. Uma parte da parede girou e Sherlock Holmes atracou um pacote de cartas.

Este pacote queimava-lhe as mãos. Parecia-lhe estar commettendo um abuso de confiança; que a morta ia erguer-se do sarcophago, e reprehendend-o por assim penetrar os seus segredos.

Apertou os dentes, uns contra os outros, e o seu olhar tornou-se fixo.

—Com todos os diabos! murmurou elle, sei muito bem que me não move um vil sentimento de curiosidade, mas sim a esperança de descobrir o segredo da tua morte e poder vingar-te, Mary. Vámos, Sherlock Holmes! meu velho camarada, terás tu medo do que vás conhecer?

Foi á janella e desatou o pacote.

Logo no cabeçalho da primeira carta, reconheceu a caligraphia fina e angulosa, que vira na vespera. E leu

«Minha querida, tu, a quem adoro perdidamente, quererás exaltar o meu mais ardente voto? Permitterás que eu renove essas horas de ineffável ventura que um dia me concedeste? Não me intelicites por mais tempo, Mary. Sei que o malvado que te possui por força de lei foi viajar, e eu vourei para ti. juro-te pelo amor que outr'ora me votaste no auge dos nossos loucos beijos!»

Por baixo d'estas linhas, faltava um paragrapho. Sherlock Holmes deixou cair a carta, soltando um tenue gemido.

Assim se realisavam os seus receios: Mary não era a mulher pura, a mulher de honra, que elle julgava ser!

Pegou na carta seguinte. Também continha vehementes protestos de amor, e, entre outras, esta phrase, que provava que Mary tinha cedido.

«Com algumas palavras te provarei o meu profundo reconhecimento, Mary. Até á minha morte, proxima sem duvida, conservarei a lembrança das horas inolvidaveis que hontem passei contigo. E, agora eis os rogos que te faco, as supplicas que renovaré até que te dignes attender-me: Vem commigo. sê minha mulher, segue-me para longe, muito longe, até a esses paizes perdidos, onde não ha inveja nem odio, que possa interromper a nossa ventura!...»

E as outras cartas, em numero de seis ou sete, eram no mesmo tom.

Uma coisa extraordinarissima impressionou Sherlock Holmes: n-nhumas d'estas cartas estava datada. Sómente as dobras e o seu estado de nitidez indicavam que tinham sido escriptas em epochas diferentes. Uma d'ellas tinha a assignatura de «Lionel».

Sherlock Holmes tirou essa do masso, mettu-a na sua carteira, muito bem dobrada, e pôz as outras onde estavam.

—Preciso d'esta, murmurou elle. O lord não dará

com a falta, e, caso dê, é-me absolutamente indispensavel. Aconteça o que acontecer, estou satisfeito de ter podido commetter este pequeno roubo á minha vontade.

Tornou a fechar o esconderijo, e dirigiu-se ao sarcophago, levantando a tampa.

O formoso rosto ainda não estava aterrado, e elle minava o um delicioso sorriso.

Sherlock Holmes soltou um profundo suspiro.

Curvou-se, e collou com veneração os seus labios á mão delicada, hirta e fria sobre os vestidos brancos.

Depois, afastou com precaução as rendas que escondiam o pescoço alvo á sua vista.

Os traços azulados da mão cri-ninosa ainda estavam mais distinctos.

Tirou a sua lupa da algibeira e examinou-os. Neste momento, não era mais que um policia secreto. Descobriu, então, alguma coisa que lhe tinha escapado. Um dos signaes do polegar era sensivelmente menor que o outro, se bem que fôsse ainda delgado para ser o de um homem feito.

Gravou cuidadosamente na memoria a forma e a grossura dos sinistros vestigios.

Depois, compôz as rendas, fechou o caixão, e disse, em voz alta:

—Só um athleta poderia deste modo estrangular a desgraçada victima. Era um homem baixo, delgado de corpo, mas dotado de uma força herculea. E' necessario que eu o procure nas cervelarias de artistas.

Quando voltou ao pateo, encontrou Betsy; ella esperava-o, e pôz um dedo nos labios.

—Mylord acaba de levantar-se, disse ella, e pode vir de um momento para o outro.

—A Betsy é uma rapariga muito intelligente. Olhe que daria uma policia de primeira ordem!

E, sem esperar que o lord apparecesse, saiu.

CAPITULO VI

Vingança de mulher

Harry dormia como um bem afortunado. De repente, acordou em sobresalto. Ainda ensomnado, pareceu-lhe ouvir o telephone tocar de modo especial, combinado entre mestre e discipulo.

—Sou eu, Harry, disse o rapaz, já ao apparelho. Quem fala? é o mestre?

—O senhor Sherlock Holmes está em casa? respondeu uma voz desconhecida.

—Não; respondeu Harry, furioso de ser acordado por um desconhecido.

—Quando estará? Tenho que dizer-lhe coisas muito importantes.

—Quem é que fala?

—O nome não importa. Basta-lhe saber que se trata de uma coisa das mais serias.

—O senhor Holmes occupa-se neste momento de um negocio importantissimo. Duvido que elle queira encarregar-se de outra coisa.

—Sim, bem sei, respondeu a voz, que Harry estava entre-conhecendo. O assassino de lady Malcolm. Podia poupar-se a esse trabalho; toda a gente está

convencida que foi Pedro, oriado da casa, o auctor do crime.

—Acabou-se! gritou Harry, raivoso, ao telephone. Descançam os receptores, e foi vestir-se, á pressa, de modo febril, á despeito do desesperado tocar do aparelho.

Convencia-se agora, de que estivera a falar com aquelle homemsinho de bigode loiro da vespera.

—Se esses animaes descobrem que tratamos das suas pessoas, previnam-se e são capazes de escaparmos. Para o hotel é que é o caminho, e já, se não, o passaro bate as azas.

Meia hora depois, o corretor estava no seu posto no pateo do Globo.

Soubes que Mr. Lovell pedira á conta, mas que ainda se conservava no hotel.

—Julga que seja elle o assassino? perguntou o director.

Elle encolheu os hombros, e respondeu:

—Não sei o que a esse respeito o senhor Holmes pensa.

—Mas porque é que não prendem, visto que suspeitam d'elle?

—Porque não é elle só o culpado. Se o prendemos, os outros ficam prevenidos e fogem. O senhor Sherlock Holmes bem sabe o que faz: deixa o negocio por sua conta. Elle não é homem que descubra o seu jogo, mas ganha sempre a partida.

As nove horas, o mordomo entrou de serviço. Trouxe comisso alguns gentes da policia que apresentou ao director, a quem pediu liberdade de acção.

Foi um, postado no ascensor, outro, no vestibulo, o terceiro de vigia ás portas dos n.ºs 27 e 28. Ninguém poderia desconfiar que eram da policia. Estavam vestidos á paisana, e pareciam-se com quaesquer hospedes.

—Vou ainda assistir ao almoco, disse, baixo, Sherlock a Harry. Depo's da refeição, saio. Hoje, tenho que trabalhar em tres sitios, ao mesmo tempo. Só assim os poderei filar, até á noite.

—Uma palavrinha só, senhor Holmes: quem lhe parece que seja o culpado?

—E', um que nós não conhecemos, meu filho. Creio que o havemos de encontrar no hotel entre os outros passageiros. Tenho d'isso a prova quasi certa. E', talvez, um athleta, um saltimbanco, um typo a que vulgarmente, chamam *artista*. Tem os dedos compridos e delgados, e uma das mãos maior que a outra. Necessito primeiro conhecer a identidade d'esse pretenso conde, que jantou hontem com os outros.

—Está-me a parecer que o ha de ver esta noite, porque Lovell disse ao loiro, á despedida: até amanhã.

—Melhor. Olho vivo, Harry. Bem sabes que hoje é que jogaremos as ultimas.

—Sei, sei, meu caro mestre, assim como sei tambem que os resultados são sempre os mesmos, quer o senhor trabalhe de graca, por amor da arte, ou por amor de alguém. Olhe... não vê que virá aqui fazer o lord Malcolm?

Effectivamente, era o lord que entrava no pateo

Dirigiu-se ao escriptorio, aonde Harry o seguiu, como quem não quer a coisa.

Lord Malcolm perguntou se miss Brewer tinha pedido de Paris que lhe reservassem um quarto, e quando chegaria essa senhora.

—De Paris? interpellou por sua vez o empregado, consultando o seu registro. — nós só esperamos de Paris o senhor barão Ballières.

—E' isso: um parente d'essa dama. E, quando deve chegar?

—Não sabemos. Os quartos estão reservados, ha tres dias.

Miss Brewer deve chegar hoje, proseguiu o lord, segundo me participaram. Quando vier, queira entregar-lhe esta carta e dizer-lhe que, por ora, não posso cumprimental-a pessoalmente.

O lord acabava de sair do escriptorio, quando o mordomo entrou.

—Peço-lhe que me ceda por um instante essa carta do lord.

—Isso, é que não pode ser, senhor Holmes. Já vê que eu não devo violar o segredo da correspondencia. Demais d'isso, o lord não faz parte das pessoas cujos actos o senhor investiga.

—Como sabe que não faz? perguntou o policia. E, de tal modo olhou para o director, que este entregou-lhe a carta.

D'aqui a dez minutos, virei trazel-a. Dá licença que me demore aqui um bocado?

—Ora essa? Esteja, como na sua casa.

O policia sentou-se Tirou da algibeira uma seringa minuscule, introduziu a extremidade no sobrescripto, e injectou-lhe um pouco de ar.

A parte engommada do papel cedeu sem difficuldade, e Sherlock Holmes abriu a carta e leu:

«Minha querida amiga,

«Já deves saber que minha mulher acaba de ser victima de uma terrivel morte. Estrangularam-na. Não me é possivel ir ver-te. Fazes idéas da minha commoção. Se tiveres alguns esclarecimentos para dar-me a este respeito, peço-te que m'os envies immediatamente. Deves estar lembrada de que foste tu a primeira e a unica pessoa que me revelou a traição de Mary. Se o miseravel que escreveu a carta entra por alguma forma no crime, eu o saberei, e estou decidido a perseguil-o, ainda que seja á custa da minha deshonra, ou, em caso contrario, a deitar um véo de esquecimento por sobre tudo isso.

Dá-me as tuas noticias o mais brevemente possivel.

Henry.

Sherlock Holmes soprava, por entre dentes, um silvo que mal se ouvia.

—Ah! murmurou elle, a bella Ellen Brewer está atraz dos bastidores da peça... Vamos ver como ella descalça a bota.

Dizendo isto, tornou a collar o sobrescripto com uma esponjinha, e fechou-o, como estava.

—É' melhor, disse elle com um sorriso sarcástico, não mostrar, nem ao director nem a ninguém, este pequenino instrumento da minha invenção. Não seria prudente deixar a correspondência dos hospedes á mercê de uma indiscreção; nem todos neste mundo são desinteressados como eu.

E, entregando a carta a quem de direito, continuou:

—A' chegada de miss Brewer, tomarei outro cargo: criado de quarto, e será para mim de indizível prazer servir nos quartos 26, 27 e 28.

Estava elle a fazer estes calculos, quando souou o sino de entrada de novos hospedes. Era miss Brewer que chegava.

Pela estrutura imponente e andar altaneiro, parecia uma Junco, apesar da sua pequenina cabeça aristocrática com uns cabellos negros admiráveis.

Entrou altivamente no pateo, pelo braço de um sujeito já idoso e distincto, que se annunciou o barão Ballières.

—Encomendei um quarto com sala de banho para esta senhora. Está preparado?

—De certo, senhor barão, respondeu Sherlock Holmes. Ha tres dias.

O ascensor transportou os recém-chegados ao primeiro andar; nesse entremetos, o mord-moi desapareceu, envolto no seu comprido chambre, para, um instante depois, reaparecer em trajos de joven criado de quarto, de bigodinho preto e retrocido. Uma ciatriz transversal lhe interessava o nariz, e tirava ao moço qualquer semelhança com o mordomo.

—Estou fatigada da viagem, meu tio, disse Ellen Brewer para o companheiro. Agrad-ço-lhe a gentileza de ter ido esperar-me á gare, mas, realmente, necessito ficar só até á noite, para pôr-me á vontade.

—Como quizer, minha querida filha, respondeu o tio, visivelmente despetado.

Elle despediu-se, e o criado de quarto que vinha a entrar com a mala, notou que o tio fôra esperar a sobrinha á gare. Vê-se que o homem já estava em Londres, enquanto que ella ainda se encontrava em Paris.

Então, não foi elle, e sim ella, que deu o telegramma.

Porque não assignaria o seu nome?

Não havia tempo para fazer longas reflexões. A dama chamou o:

—Traga-me whisky do melhor que tiver, e cigarros. Pergunte se trouxeram alguma carta ou qualquer recado para mim.

Dahi a pouco, veio o policia trazer-lhe a carta do lord numa salva, e collocou o licor e os cigarros em cima de uma mesa, sem a perder a vista.

Elle abriu logo a carta e passou-a pelos olhos.

Devia conhecer o crime pelos jornaes. Mas, soubesse, ou não, nada mostrou na physionomia.

A carta caiu-lhe no regaço, e ficou a olhar na sua frente, como absorta.

O criado parecia esquecer-se de a servir. E ella, com modos asperos disse-lhe:

—Então, moço! Faça alguma coisa, que isso não são modos de servir ninguém. Desejo ficar só. Previ

na para baixo, que eu não quero receber ninguém, seja quem for.

—Será servida, minha senhora!

Sherlock Holmes desapareceu. Ficou um pouco de tempo á escuta por traz da porta. Não ouviu nada. A bella miss Ellen devia ter-se deixado dormir.

Mas, qual não foi o seu espanto ao ouvir, de repente, no 27, ruído de moveis que mudam de lugar!

Pouco depois eram duas vezes que começavam a dialogar.

—Tento na bola, que a bella Ellen já entrou de palra com alguém. Então aquella grande fadiga seria simplesmente um pretexto? Tanto se me dá; mas, se-gredos é que ella não transmite a outrem sem que Sherlock Holmes faça parte do jogo.

Com os movimentos elasticos e subteis de um gato, como que escurregou para dentro de um cubiculo, que servia de guardar malas e outras coisas fóra de uso.

Na manhã, tinha elle praticado na parede um sem numero de furos, por onde podia ver tudo o que se passava no n.º 26.

Iam servir agora. Os dois individuos que estavam no quarto consideravam-se absolutamente sós e sem qualquer perigo de inconfidencia. O n.º 28, do outro lado, era occupado por Elvira, que disfrutava um tão bello somno, que dormia desde manhã cedo.

—Muito bem, meu rapaz, dizia Ellen a Lowell, em tom animado que contrastava com a voz doce e distincta de ha pouco; está bem; trabalhou como um homem! Como se passou tudo isso?

—Perguntas de mais, respondeu Lovell, com o braço em volta da cintura de Ellen. Só sei uma coisa: é que Tiny estrangulou-a.

—Tiny, sósinho?... Então Elvira não o ajudou?

—Elvira! ora, Elvira! Essa, simplesmente teve parte da bezerra da idiota de Mary, e Tiny é que fez tudo. Além d'isso, só elle é que tinha a força e... razões para isso.

—Razões? Nenhum de vós outros tinha razões para o fazer, nem recebido ordens.

Lovell teve um riso troista.

—Ah! elle é isso? Fazes de ingenuo! Não passas de um idiota. Lembra-te que por muitas vezes não disseste, que levavas muito em gosto que lord Mal...

—Caluda! Nada de pronunciar nomes. Ninguém sabe nunca se tem espiões pela prôa.

E Ellen abrindo a porta, assomou a cabeça. Ficou descansada por ver o corredor deserto.

—Escuta o que vou dizer-te uma vez por todas, continuou ella com voz forte: não te occultarei que eu odiava de morte essa Mary, que estrangularam. Cá tinha as minhas razões. Tinha-me roubado o amante. Henry pertencia-me, antes de se apaixonar por Mary Tamamio. Essa hypocritasinha roubou-m'o. Nunca mais o esqueci, e nunca lhe perdoei. Se não fôra ella, o lord casava comigo...

E os seus olhos chispavam faiscas de odio á esta evocação do passado. Mas, Lovell animou-lhe as faces, e ella disse-lhe:

—E tu julgas que consegui os meus fins! Agora,

mais que nunca, estou longe d'isso, sou eu que te digo. Acabo da receber uma carta de Henry. Abandoname, está tudo acabado, não quer saber de mim para nada! Entretanto, este homem tem a certeza da infidelidade da sua antiga esposa. As cartas...

Lovell desatou a rir:

—Ah! sim, aquellas famosas cartas! havia ali matéria para enodoecer um homem!

Ellen fez uma careta infernal, e murmurou:

—Então essas cartas não eram authenticas?

—Quem te disse que não? Eram, sim!

E os dois cúmplices desataram a rir de tal modo, que Sherlock Holmes, no seu esconderijo, teve vontade de esganal-os.

Felizmente, poudo conter-se, e supprimiu o mais possível a respiração, na esperança de conhecer a verdade a respeito d'essa correspondência.

Mas esganava se.

Ellen levantou-se, e disse alto:

—Ouço mexer no teu quarto! Por acaso estará lá Elvira?

Lovell foi ver e voltou:

—Estás a sonhar! Não está ninguém. Elvira ainda dorme... sobre a dita de possuir as suas perolas. Vês tu: foi a recompensa da suprema tentativa que devia fazer junto de Mary... e que fez?...

—Esta pobre Elvira é insupportavelmente tola! disse Ellen, com ares de desprezo. Podia ficar com o bolo todo sem dar-lhes cinco réis—e, contenta-se com essas miseráveis perolas... não contando com o percalço de, foca como sei que és, te não arruinares com a compra da prenda. Emfim?

E pegando na barba de Lovell, obrigou-o a levantar a cabeça.

—E's uma mulher incrível, respondeu elle, em voz muito alta; adivinhas tudo. Perolas verdadeiras á Elvira? Ah! não me faças rir... E, olha que ella não desconfia que sejam falsas. Isso seria bom para a tua real garganta, e não...

Não poudo concluir a phrase.

Ouviu-se um grito de raiva no quarto do lado, e Elvira que estava escondida atraz de um reposteiro, saltou como uma furia.

Vinha desganhada. Com um penteador que vestiu ao saltar do leito, mostrava no rosto toda a colera que se lhe revolvia no intimo.

—Canalha, rugiu ella, precipitando-se sobre Lovell de punho alçado. Ouvi tudo, infame embusteiro. maldito traidor. Vaes pagar-me tudo!

Na cegueira da sua raiva, pisou a baihna da saia, e caiu...

Foi a salvação de Lovell.

Elle desatou a fugir! Pouco dado a heroismos procurou refugio no corredor.

Elvira, louca de raiva foi-lhe nas pisadas, e Ellen aproveitou a occasião de fechar bem as duas portas.

Depois, a tremer de medo, mas, sem poder sopear uma nervosa tentação de rir, caiu n'uma cadeira, exclamando:

—Meu Deus! que será de nós, Lovell!?

—No seu esconditô, Sherlock Holmes fazia a si mesma igual pergunta. Já nada tinha ali que fazer. Saiu

do estreito gabinete para o corredor, no momento em que Elvira tentava arrombar a porta n.º 27.

Lovell chegou ao seu quarto e fechou-se por dentro, correndo a tranqueta que dava para o de Elvira.

Esta, n'aquelles trajos, não podia permanecer no corredor. Fosse como fosse, lá entrou no seu quarto e Sherlock Holmes ouviu forçar, em vão, a porta de Lovell.

—Bem, murmurou o policia. E' o melhor que me podia succeder. Os nossos cúmplices não se podem ver. Bem vae o negocio. Se me descuido, não tardará que o valente Lovell largue terra para favas, e Harry ir-lhe-ha na piugada, enquanto vigio estas d.mas. Assim talvez eu encontre o modo de poder fazer uma visita a esse famoso Tiny. Já sei que este é o unico assassino. E tambem é possivel que saiba o paradeiro de Pedro tão mysteriosamente desaparecido.

CAPITULO VII

12. P. W.II

O senhor Lovell estava em mãos lençoes. A furia do quarto visinho continuava a fazer tal barulheira, que elle, afinal, gritou-lhe:

—Se continuas com esses despropósitos, não tardará por ahí Sherlock Holmes para te fazer entrar na ordem.

Elvira respondeu-lhe com uma onda de injurias. Ultrajada no seu orgulho, Elvira perdeu todo o verniz da sua educação superficial, e a colera começava a suggerir-lhe expressões verdadeiramente ignobes. A chacotina ensurdecedora da sua voz em grita, atravessando o quarto de Lovell, chegou até ao de Ellen, que teve a coragem de sair e ir bater á porta do n.º 28.

Não recebendo resposta entrou.

O criado de quarto, chegando n'esse momento, notou que ella trazia na mão um objecto brilhante, que reconheceu ser um revolver.

—Bravol pensou elle, vae chamar á ordem a regateira do chifrim.

A comparência de Ellen, de revolver em punho, no quarto de Elvira, amorteceu as injurias nos labios d'esta. Ficou espantada, de bocca aberta, vendo Ellen caminhar para si, de braço estendido, com a arma preparada para desfechar.

—Cala-te já, nem mais um pio! Se continuas nessa gritaria, bem vês que venho bem preparada para o remedio. Se te não calas, mato te.

Toda tremula, Elvira desviou-se da porta de Lovell.

—Não tinha eu razão para dizer, a depois, que eras tola? Insistes na teima de mais uma vez provar que não és outra coisa. Por umas miseráveis perolas falsas estás para ahí a fazer coisas de louca varrida! Não ha! Porque não previ-tes isso? Porque não pediste a tua parte do dinheira da Lady? Poderias comprar quantas perolas quizesse!

—Porque sou honesta, replicou Elvira. A partilha foi amigavel, leal, entre Lovell, Tiny e eu, que accei-

tei as perolas. E' verdade: eu é que fui tola em confiar em taes canalhas, como todos vós.

—O' menina! conta com a lingua, e nada de injurias, disse Ellen, ameaçando-a com o revolver. Pensa lá o que quizeres, e como quizeres; para mim, tanto se me dá; dar á lingua, é que não consinto. De mais, eu vou arranjar as coisas de modo que te dêem a parte que te pertence. Se queres perolas, toma as minhas; são verdadeiras, e eu não as quero para nada.

—Obrigada, respondeu Elvira, raivando, não quero os teus sobejos. Estou farta de todos vós, e sei o que me resta a fazer!

—Escuta cá, — e a voz de Ellen, de baixa que era, tornou-se ameaçadora — advirto-te uma coisa: se tens a desgraça de dizer uma palavra de mais, se me trahires seja no que fôr, és uma mulher de menos neste mundo!

Elvira não respondeu nada; e a outra, sem esperar por isso, continuou:

—Hoje mesmo, conhecerei a fundo esta historia. Tu, limita-te a fazer o que eu te disser e segundo as minhas instrucções

Elvira rangeu os dentes.

—Cautella, cautella! Isso não são maneiras de tratar com a gente. Eu sei que, assim como os outros, não tens razão de queixa. Queres que te recorde o que a dama em questão te deu, desde que lhe descobri o passado?

—Será inútil recordar-me... Também eu sei que tudo aquillo tinha um unico fim: separar o lord da esposa para obrigar o a casar comigo. Mas, elle não se deixou cahir na indomina, e dizia a sua mulher que via claro nos vossos designios.

—Quem te disse isso?

—A propria Mary, ou, antes, deu-me a entender. Eu já vel-a, sempre que o marido andava por fóra, e bem via que elle estava cada vez mais apaixonado por ella!

E a voz de Elvira tremia, de maldaite refreada.

Mas, Ellen não fez caso disso, e continuou, com voz brusca e imperativa;

—Tiny, onde está?

—Lovell é que pôde responder-te, disse Elvira com significativo desdém.

A outro ergueu-se de hombros.

—Vou deixar-te, para que possas restabelecer-te. Mette-te na cama, e choca a tua raiva. Não sairás do quarto enquanto eu assim o entender.

Encaminhou-se para a porta, saiu, fechou-a por fóra e metteu a chave na algebeira.

O creado dos quartos vinha ao seu encontro, e ella disse-lhe com modos saudosos:

—Miss Elvira sente-se um pouco incommodada. A's vezes soffre de umas terríveis enchaquecas; em socogando, passa-lhe. Tenho aqui a chave do seu quarto. Se ouvir lá barulho, não faça caso.

Dizendo isso, metteu uma moeda de oiro na mão de Sherlock Holmes, que se inclinou profundamente, agradecendo.

Dali a um quarto de hora, Lovell deixava o Hotel do Globo.

Não levava muita bagagem, e foi de carruagem,

com a sua unica mala, para a estação de Waterloo.

Atraz da sua carruagem, uma outra levava Sherlock Holmes, que dera signal a Harry.

O policia teve tempo de se disfarçar. Representava desta vez um desses *gentlemen*, muito mal amanhados, que passam o tempo a planar pelas ruas e becos immundos.

Suppóz á justa, que Lovell não deixaria a cidade sem ver ainda os seus cúmplices. A qual iria elle primeiro: ao conde ou a Tiny?

Lovell deixou a bagagem na casa de despacho e mandou bater para a estação de Victoria.

Apeou da carruagem, e metteu-se pelo dedalo de ruasinhas, até chegar a um local de boa apparencia onde havia uma cervejaria.

Entrou no estabelecimento, onde parecia ser muito conhecido. A' sua chegada, a empregada do balcão preparou a sua mistura favorita, e disse-lhe, confidencialmente:

—Então, amiguinho, onde esteve mettido este tempo todo?

Elle respondeu:

—Já viu o conde?

—O petiz? Ainda não: Mas elle disse que vinha hoje vel-o.

—Que tagarella! murmurou Lovell.

Parecia ter perdido todo o seu bom humor, depois da desastroza retirada á colera de Elvira.

Ou seria outra a causa da sua preocupação?

Sherlock Holmes, que se introduzira na loja de bebidas, viu o hesitar um momento, depois, dirigir-se para um cabide, que occupava todo um lado da parede.

Dependeram o chapéu, — esta operação tão simples levou seu tempo — pareceu resolver outra coisa e pegou no chapéu.

—Se o conde chegar, disse elle á vendedeira, que vá esperar-me na ponte, que não tenho tempo de estar aqui.

E, saiu, da taberna, ficando Sherlock Holmes tranquillamente sentado. Tinha avistado pelas vidraças da porta o seu discipulo Harry que por ali girava, disfarçado em moço de recados.

—Grande moço! murmurou elle, faz o serviço tão bem como eu! Ainda lhe faltam as idéas pessoasas. Mas, ellas depressa virão, depois de algum tempo mais do officio. D rigiu-se ao cabide, e os seus penetrantes olhos descobriram, traçados a lapis na parede, estes signaes:

12. P. W. !!

Era uma inscripção mysteriosa para todos os olhos, que não fossem os de Sherlock Holmes.

Sabia que os dois pontos de admiração não passavam de um signal, significavam qualquer coisa como: attenção, seguem-nos. Era uma convenção conhecida de todos os bandidos de Londres.

E o P. W., queriam dizer?

—Talvez, Pedro? E' possivel, mas é necessario que eu me não deixe levar facilmente pelas minhas presumpções; muitas vezes nos entregamos a uma pis-

ta falsa, porque não tivemos a sufficiente prudencia de escolher a ponta da meada. Será melhor esperar o conde, que tem ares de um famoso gentil homem.

Sherlock Holmes; apenas havia dispensado a camareira um distrabido olhar. Só havia uns poucos de freguezes na taverna, e nenhum lhe pareceu digno de attenção, nem um só que elle ainda tinha visto.

Não perceberam que um destes homens o conheceu perfectamente, apesar do seu disfarce.

No interior da taverna, havia uma pequena controla, uma casita estreita e escura, que dava para um corredor e, daqui, para a rua.

Entre o mostrador e a armação, com as prateleiras cheias de garrafas de variadas cores, um espelho sem estanho occultava o conde, que esperava o policia.

Este tinha as costas voltadas para lá. O conde fez um signal, e a camareira foi ter com elle.

—Sabes quem é aquelle homem?

—Não, senhor, não sei. Entrou atraz de Lovell e, desde então, aqui se entretém. E, tu, conhecel-o?

O homem chegou-se ao ouvido da rapariga e disse, baixinho:

—E' Sherlock Holmes.

Elle estremeceu e ficou o com attenção.

—Que procurará elle? Algum de vós tem que ver com o negocio Malcolm?

—Mesmo que assim fosse, cuidas que t'o diriamos? A mais disso, eu não quero dormir neste buraco. Lovell não deixou nada para mim?

—Vi-o escrever alguma coisa na parede. O typo escutava tudo que nós diziamos.

—E' preciso afastal-o! Daqui a bocadinho diz lhe, não... não digas nada. Eu já arranjo isso.

A camareira voltou para o balcão, Sherlock Holmes parecia muito absoito na leitura de um jornal.

Entrou um garoto esfrangalhado, arrumou-se ao balcão e disse, em voz de faldete:

—Manda-lhe dizer o conde que previna os seus amigos de que não pôde vir.

—Porque não? perguntou a camareira. Onde está elle?

—Eu sei cá! Veiu ter commigo, deu-me o recado e um vintem e tingou-se. Parecia que lá tirar o pae da força!

E o garoto saiu.

Quasi immediatamente, Sherlock Holmes tomou o mesmo caminho, e o conde appareceu na taverna. Cumprimentou a camareira e dirigiu-se ao cabide onde estava escripta a mensagem.

Aquillo devia ser importante, porque o tal conde não se deteve ali nem um segundo. Empallidecera, e os seus olhos rolaram em todos os sentidos.

A letra «W» significava que elle devia ir sem demora á taverna do Wattler seu conhecido. E o «P» queria dizer «muita pressa»!

Esta taverna era onde os artistas de todas as thegorias se reuniam.

Lovell já lá estava e esperava pelo conde, alegre e gracil, como nunca. Não estaria assim, se soubesse que ha muito Harry o seguia, sem o perder de vista nem um instante. Achava-se sentado a um canto da

locanda na companhia de atletas e clowns, a quem contava as suas africas em todas as especies de exercicios extraordinarios. A camareira era a sua mais que tudo. Os camaradas sabiam isto, de que se aproveitavam para elogiar-o e assim o levarem a mandar vir as bebidas, que elles tomavam, pagas, todas, pelo pato enfatuado.

—E' como lhes digo, meninos, perorava elle; hoje vou partir para uma longa excursão pela França. Ganharei lá tanto dinheiro, que ha de chegar para a viagem como um lord, sempre em primeira e nos homens mais chiques.

Um rapaz, baixo e rachitico, que parecia não poder ter-se em pé, perguntou á rapariga da taverna:

—Quem é aquelle typo elegante, que está constantemente a beber vinho?

—E' um artista de trapezio, um voador; trabalha sob o pseudonimo do «Rei das Aguias».

—E, o homemsinho do lado?

—Uma rapariga, que ainda não faz coisa que se veja. O senhor parece estrangeiro, não é? Ainda não conhece nenhum dos nossos amigos!

Harry, tomou uns ares de quem soffre.

—Não, não conheço ningu-m, mas, nada me seria tão agradável como fazer parte da corporação. Foi por isso que fugi de casa de meus paes. Mas, acho que será difficil aceitarem-me. Quando mais não fosse por aprendiz. Gostava tanto!...

—Espere ahi, uns trinta minutos, se tanto, uma hora, disse-lhe a rapariga, compadecida. Está a chegar um outro desses senhores. Talvez que algum delles o aceite por discipulo... A' falta de recommendações, se fôr necessario, eu direi alguma coisa em seu favor.

Harry agradeceu, e foi sentar-se perto da mesa onde Lovell continuava a discorrer.

—O' meninos, disse um dos artistas, acabo de estar com Tiny, puff! como elle tem a cabeça!

—Tiny? exclamaram os outros em côro. Como diabo arranjará elle isso? Foi coisa séria que lhe aconteceu, um typo tão reinadido!

Lovell não dizia palavra. Tudo era olhar para a porta da rua. Esperava, sem duvida, a vindá do conde. para sair e continuar a precaver-se das furias da Elvira.

Emfim, entrou o conde. Mas tinha mudado muito de algumas horas para cá; agora apresentava-se imberbe, quando na vespera ostentava um bello bigode loiro.

Harry meneou imperceptivelmente a cabeça. Occorreu-lhe nesse instante um pensamento: Como passou Sherlock Holmes por este homem, hontem, e não percebeu que usava bigode postico?

Foi recebido com uma estrondosa gargalhada:

—Olhem! O petiz!

—Usa outra vez a sua cabeça de mulher!

—Não tens meio de segurar o bigode no beigo de cima, Joãozinho?

—O' Tiny, as tuas invenções não parecem fazer-te pesado.

—Emfim, ainda tem as faces rosadas.

—Hurrah! petiz, á tua saude!

Era uma gritaria de acordar mortos. O coração de Harry Taxon rendia-se.

Tiny, em inglez, queria dizer pequeno, enfadado. Mas, no seu espirito, não podia haver duvidas de que Tiny e conde eram uma unica e a mesma pessoa.

— Ah! pensava Harry, não poder eu, pelo menos, prevenir o patrão! A companhia esta toda aqui, e não posso prender nem um, sem Sherlock Holmes chegar.

O conde, visivelmente desfigurado de feições pelo arrebuque com que se disfarçou, aproximou-se da mesa, e tirou o relógio.

— Meio dia, Lovell, citaste-me para uma entrevista ao meio dia. Que queres dizer-me?

Lovell lançou-lhe um olhar significativo. Evidentemente, nada lhe podia contar á vista de tanta gente.

— Senta-te e bebe qualquer coisa. Temos ainda tempo. N'um quarto de hora te direi tudo.

— Não; eu é que não posso esperar nem um segundo. Vem commigo, já; tenho a carruagem aqui á porta, á minha espera.

— Vamos lá, se queres. Meus senhores, até logo.

E passou com o amigo para a contra loja.

Harry escapou-se para a rua e saltou para um trem. Ao meio dia, em ponto, Sherlock Holmes ficou de esperal o n'uma tabacaria, onde habitualmente se encontravam. O trem partiu.

— O senhor Holmes já veio? perguntou elle ao dono da casa, entrando na loja, como um raio.

— Ainda não, senhor Taxon. Quer que lhe dê algum recado da sua parte?

— Está visto, e coisa muito urgente. Diga-lhe... Mas, louvado seja Deus! Elle ahi vem.

Sherlock Holmes entrava na tabacaria.

— Estás assim como... viste bicho Harry? disse elle, pedindo muito naturalmente o tabaco do costume. Aposto que filaste o nosso emerito patife?

— Effectivamente, creio que me não escapará. Vem commigo, depressa, á taberna Watler. Lovell e o conde estão agora lá!

— Ah! Já sei... é isso, e creio que se demoraráo!

E, dizendo isto, tirava grandes fumaças do seu cachimbo predilecto, olhando de fito para o discipulo.

— Em que está pensando? perguntou este. Quando lá chegarmos, é possível que toda aquella tropa tenha já dado obo nos butes!

— Hum! Não reparaste n'aquelles tres marinheiros a beber grogs na venda do Watler?

— Bem vi. E' gente sua?

— São policiaes, mandados por mim. Olha, meu Harry: já antes de hontem, depois das minhas suspeitas de Lovell e Elvira, eu mandei vigiar essa taberna. Pensei que os passaros, mais tarde ou mais cedo, ahi cairiam na rede. Já lá estão, e não hão de sair—pelo menos, sem escolta.

E, depois de assim falar, despediu-se do logista, tomou o braço de Harry e saiu

— Escuta, meu filho Lovell e o conde serão presos a seu tempo. Mas, nada ganhariamos em o fazer sem umas curtas precauções. E' necessario, primeiro, convencer-os do crime e emmanranhal-os na rede das

nossas provas. Ora, é um facto, que me faltam ainda algumas malhas n'essa rede, e, antes de tudo, algumas linhas escritas...

Harry olhou para o mestre, muito desorientado.

— Não percebo nada, murmurou elle.

— Ouve lá, disse Sherlock Holmes: eu vou d'aqui direito ao Hotel do Globo: para uma conversa muito interessante com uma dama. Tu, n'esse meio tempo, occupa-te de Lovell e do conde...

— O conde interrompeu Harry; mas, o que ha de mais extraordinario, é que elle, hontem, trazia barba postiga, e o senhor não deu por isso...

— Deveras? Talvez trouxesse, hontem, a verdadeira, e hoje, a rapasse...

— Mas... não dizia o senhor, que o homem que foi a casa de lady Malcolm, o homem que levou a palhinha na sola das botas, era imberbe?

— Foi o que o cocheiro disse.

— Pois, saiba que o conde é chamado Tiny por toda aquella gente.

— Uma coincidência, Harry, nada mais.

D'esta vez, o discipulo olhou para o mestre com ares de duvida.

— Ora, ahi vês tu, como a gente pode muitas vezes enganar-se. Tambem eu estava absolutamente convencido que o conde e o assassino Tiny, eram uma só e a mesma pessoa. Mas, um signal infallivel me provou o contrario.

— As mãos deseguaes, talvez.

— Isso, primeiro. Depois, a finura e delicadeza d'essas mãos. O tal pretenso conde tem dedos grossos, de unhas compridas e largas, como observei, quando o servi á mesa. Se elle fosse o assassino, teria imprimido as unhas no pescoço da victima, e não podia telas agora tão limpas e tão bem tratadas. Tambem notei que Elvira inqueria o conde a respeito de Tiny. Elle, o senhor conde exerce, uma profissão, á primeira vista, muito innocente, inventor de pomadas e loções para fazer crescer o cabelo e outros artificios de embelesar o rosto. Não quer isto dizer que elle seja alheio ao assassino de lady Mary. Esta pobre lady foi a presa de uma sucia grosseira e avida, que eu terei a bom recato antes d'esta noite.

— Parece-me que se engana, senhor Holmes!

— Oh! não pode ser, estou senhor do melhor de todos os instrumentos.

— Qual?

— Uma mulher ciumenta! filho. Não sabes de qué uma mulher, em taes circumstancias, é capaz? Vaes hoje aprender.

Despediu-se de Harry e enveredou pelo caminho mais curto para o Hotel do Globo.

CAPITULO VIII

Em tres linhas

Na ausencia de Sherlock Holmes, nada importante se passou no hotel. Por sua energica intervenção, miss Ellen havia sequestrado Elvira no seu quarto, ella ainda não tinha recebido nem cartas, nem visitas.

Mas, escreveu uma.

Entregou-a à criada de quarto, com a recomendação de a deitar na caixa, quanto antes. Mas, a carta, conforme as ordens de Sherlock Holmes, foi levada ao escriptorio, onde o policia a apprehendeu.

Fez a esta o mesmo que fizera a do lord, e viu que sómente continha banaes formulas de pesames ao dito lord. Em *post scriptum*, Ellen affiançava-lhe que se memoraria em Londres tanto tempo, quanto fôsse necessario para poder falar-lhe.

Um tanto embarcado, Sherlock Holmes fechou a carta, e desceu ao andar inferior.

Disfarçado outra vez em criado de quarto, esperou que a bella Ellen chamasse.

A's 2 horas, ella ordenou que lhe servissem no quarto um almoço quente.

—Dá noticia de cá ter vindo o barão Ballières?

—Até aqui, ainda não, minha senhora; a dama do n.º 28 é que reclamou que lhe abrissem a porta

—Quando eu acabar o almoço, lá irei. Entretanto, que espere. No caso de lhe repetirem os accessos, não haverá outro remedio senão chamar um medico.

Comeu socegada e serenamente o seu delicado almoço, servido pelo criado, na perfeição. Mas, exactamente, na altura d'elle trazer a sobremesa, encontrou-se, á porta, com um corretor que trazia uma carta para miss Ellen Brewer.

Sherlock Holmes metteu-se no seu quarto, e abriu-a. A sua leitura embatucou-o! Continha sómente tres linhas:

«Não posso lá ir. E' me impossivel sair da toca. Sherlock Holmes anda-nos na piugada. Lovell teve-o por traz de si n'uma taverna. Cuidado!»

A forma da letra era a mesma das cartas dirigidas a lady Mary!

Sherlock Holmes fechou a carta e foi ter com o corretor.

—Quem trouxe esta carta?

—Um moço de recados.

—Que typo tinha elle?

—Usa barba toda, uma barba ruiva, e é o n.º 4.000 e tantos... ao certo, não me lembro.

—Vamos a ver, murmurou o policia. Foi ao escriptorio e telephonou para muitos sujeitos, e disse, para si:

—D'aqui a uma hora, saberemos quem é esse moço de recados n.º 4.000 e tantos. Louvado Deus, que tudo parece marchar ás mil maravilhas. Já começava a temer a impossibilidade de catrafiar toda essa alcaetia de malandros.

Miss Ellen Brewer recebeu a carta das tres linhas das mãos de Sherlock Holmes. Este reparou que ella se arranjava para sair.

Antes, porém, foi ao quarto de Elvira; d'esta vez, não levava revolver na mão.

—Então? estás mais socegada? Espero que tenhas calculado bem, que fazer mal a Lovell, era o mesmo que entregares-te, por ti mesma, á pena ultima.

Elvira sentara-se a uma mesa, com a cabeça entres as mãos, de modo que Ellen não podia ver-lhe a expressão do rosto. Ella não respondeu nada.

E a outra continuou:

—Tenho necessidade de sair. Parece-me que os nossos moços estão mettidos em trabalhos. E' provavel que Lovell appareça por cá. Sê razoavel e perdôa-lhe a sua avaresa. Bem sabes que elle não tem culpa nenhuma de ser foca. Descança, que eu farei que tenhas a tua parte. Ganhaste a, e has de tel-a.

Depois d'isto, Ellen saiu, persuadida de ter subjugado a rival.

Logo nas suas costas, Elvira levantou-se e agitou a campainha.

O criado entrou. Ella, em tom imperioso, ordenou:

—Traga-me alguma coisa que se coma, e já. Depois, deixarei esta casa, onde não ha segurança nenhuma... Quixar-me-hei, e...

—Socegue, minha senhora, pedi-lhe o criado. Todos nós lhe damos a razão. Parece incrível que miss Ellen Brewer tenha tido a ousadia de fechal-a no quarto. Vou já trazer-lhe um bom almoço.

Quem tem fome é incapaz de conversar razoavelmente, pensava o policia, trazendo uma excellente refeição. Depois, é que hade ser a palra com esta que rida Elvira.

Esta comeu, que foi um louvar a Deus. A commoção não lhe tirou o appetite. Bebeu vinho, puro; parecia ter a guella estanhada como os companheiros.

E, quando se deu por satisfeita, Sherlock Holmes entrou em scena.

Com grande pasmo, Elvira viu-o trancar a porta.

—Que está a fazer?

—Arranja-me de modo que não sejamos interrompidos. Tenho que conversar consigo seriamente, como vai ver. Antes de mais nada, saiba que está enganada a meu respeito. Não sou criado de quarto. Veja este cartão.

E mostrou a sua carta de agente da policia secreta. Elvira empallideceu.

—Que é isto? perguntou ella, aterrorisada... Pertence á policia... que me quer?

—Socegue, miss Elvira. Só desejo uns esclarecimentos. E, para convencer-se de que estou senhor do negocio, sei que recebeu de Lovell um diadema de perolas finas, em paga do roubo que fez a lady Malcolm, e por ter facilitado ao assassino a perpetração do seu crime.

Elvira soltou um grito selvagem.

—Fui trahida, ululou ella, torcendo as mãos, odiosamente trahida!

Soltou para um canto do quarto, e tirou um objecto, que estava na algibeira de um vestido.

No mesmo instante, o policia foi se a ella, apertou-lhe o pulso com a sua mão de ferro. Ella saltou um grito, e deixou cair no tapete um revolver. Sherlock Holmes apanhou-o com a mão esquerda.

—Obrigado; mal sabe que me esqueci de trazer o meu... Agora, não me falta nada. E, para continuar mais commodamente a nossa palestra, vou pôl-a mais á vontade.

Algemou-lhe as mãos, e, apesar dos gritos, obrigou-a a sentar-se n'um fauteuil, de frente d'elle.

—Deixe-me! Largue-me! Isso não é verdade, nada concorri para essa morte! Eu o provarei!

—Exactamente, isso, que eu mais desejo. Diga-me, então, quem foi o assassino?

—Nunca respondeu ella. Nunca! Tinha muitas coisas para dizer-lhe, se me tratasse melhor. Mas, maneat-me e trata-me como uma criminoso... Nada direi!

—Tambem... é coisa que pouco me importa: diga, ou não. Mas, sempre lhe direi que eu cuidava que a senhora se interessava pela punição dos seus inimigos, Lovell e miss Ellen. Enganei-me? E' o mesmo! Se não diz, elles ficarão a rir-se e a senhora pagará por elles!

Elvira estremeceu da cabeça aos pés.

Na sua mocidade, commettera um peccadilho: por «distracção» pegou n'um objecto que lhe não pertencia. Teve a pena de prisão, e esse castigo ficara-lhe de memoria para sempre, como coisa terrivel.

Apezar de tudo, reflectiu, não atinando com o que lhe seria mais favoravel. Calou-se, a estoirar de coera, com os labios serrados, como para não deixar escapar nem uma palavra.

O policia conheceu com que rés tratava, e resolveu descobrir a sua verdadeira identidade.

—Miss Elvira, disse elle, a senhora, sem duvida, tem ouvido dizer que Sherlock Holmes era o encarregado de deslindar o negocio Malcolm. Pois, é elle mesmo que tem a honra de se lhe apresentar!

—Sherlock Holmes!

A morrer de susto, olhou para elle. Dava-se já como vencida, tão grande era o poder e influencia d'esse nome. Agora, era só perguntar, que ella responderia.

—Ora, vamos lá! Está mais razoavel, não é verdade? perguntou elle, em tom amador. Sei que foi a senhora quem obrigou Mary Malcolm a gastar grossas quantias. Naturalmente, Ellen Brewer instigou-a a armar-lhe o traçoeiro laço. Esta miss Brewer, que ainda ha pouco a ameaçava com o patibulo, «de preferencia aos outros» não conhecia a lei; ou pelo menos, queria induzi-la em erro. Garanto-lhe que terá uma leve pena, talvez, até, nenhuma, se me disser a verdade. Isso depende absolutamente da queixa apresentada pelo lord Malcolm, e eu affirmo-lhe que, se a senhora nos denunciar os criminosos, elle a deixará absolutamente tranquilla.

Toda elle tremia.

—Estou innocente do crime, repetia Elvira. Eu só disse a Mary que conhecia, ha muito tempo, que ella devia dar-nos dinheiro, para lhe não devassarmos os erros da sua vida, se queria continuar a usar o seu nome e o seu titulo...

—Como? Ninguém pode tirar o titulo a uma lady. Ella era a legitima esposa de lord Malcolm!

—Mas, é que não era! Está enganado, respondeu Elvira, triumphante. Teria assim uns dezeseis annos, casou secretamente. O marido partira para a Australia. Nunca mais soube novas nem mandados d'elle e julgou-o morto. Mas, um bello dia, o homem voltou! E' o lord, por isso, não era o verdadeiro esposo da bella Mary!

—Deus do céo! Ahi está a explicação d'aquellas cartas! pensou Sherlock Holmes.

E continuou, em voz alta.

—Tudo isso é muito bonito, mas nada tem que ver com o crime. As cartas que o primeiro marido lhe escrevia foram, sem duvida, o torno em que vós outros entalastes a pobresinha, não é verdade?

—Não só ella, mas tambem o lord. Mary fez-lhe crer que essas cartas provinham de um seu antigo amante. Mas, a respeito do primeiro marido, não lhe disse nem nada, com receio de perder o lord. Amava-o, e preferia continuar a ser lady Mary, a voltar para mulher de um miseravel athleta.

—E, esse marido, vive em Londres?

—Não sei, nunca mais o vi. As cartas que eu levava a Mary, dava-m'as Lovell, que nunca quiz dizer-me mais que o lhe contei.

—E, quem commetteu o crime, foi o marido?

Elvira serrou os labios e calou-se.

Sherlock Holmes consultou o relógio, e disse negligentemente:

—Preciso sair. A senhora vae esperar-me n'um outro quarto, naturalmente. Quando eu voltar, se me não disser a verdade, nem Deus a salvará.

—Pense bem no que lhe digo. Vou ao palacio Malcolm.

Levou Elvira, que não podia defender-se, para o quarto n.º 29, com dois homens á porta, que aferrolhou por excesso de prudencia.

—Se Ellen Brewer vier, digam-lhe que Miss Elvira saiu. Não lhe consintam receber cartas, nem visitas.

Em vez de se dirigir directamente ao palacio Malcolm, Sherlock Holmes passou pelo café Walter.

Estava vazio: nem Lovell nem os seus acolitos. Não fazia isto nada ao caso, porque ás 5 horas, teria em sua casa a minuciosa historia do que tinham dito e feito.

Ainda se interrompeu no caminho, para entrar na esquadra da policia para onde havia telefonado.

O moço de recados n.º 4268 esperava com impaciencia o que poderiam querer d'elle.

—Optimo! Em menos de um fosforo, estará livre, se me disser quem foi que lhe entregou uma carta, para miss Brewer, que você levou ao Hotel do Globo.

—Um homensinho sem barba nenhuma. Elle estava deitado e da sua mão é que eu recebi essa carta Habita na Regent-street, n'um grande bazar de duas entradas...

—Bem sei, respondeu o policia. E' um quarto mobilado, no segundo andar, esquerdo, não é?

—E', sim, senhor.

—Está bom. Pode o meu amigo ir com Deus. Tome lá um bom charuto, para se esquecer do susto que apanhou.

O policia esfregou as mãos, e, voltando-se para o chefe de servico:

—Que idiota que me saiu esse barão Ballieres! Ir alojar-se em casa de um typo d'aquelles... Já lá se tem apanhado mais de uma peça de caça grossa. O mesmo vae acontecer ao nobre barão, não tardará nada...

Alguns guardas, munidos de um mandado de prisão, foram mandados á tal casa.

—O enredo não foi mal engenhado, não, senhor! murmurou Sherlock Holmes. Esta pobre Mary foi vítima de uma machinação infernal. A carta do nobre gentil homem era suggestiva a valer.

Um quarto de hora depois, subia o polícia a escadaria do palácio Malcolm.

Encontrou o dono da casa, pallido e abatido, no seu gabinete de trabalho, que elle percorria, em todos os sentidos, incessantemente.

Betsy disse-lhe que o lord, desde a véspera, não descansava de andar assim, monologando, quasi constantemente, em voz baixa, o que nunca tinha feito até ali.

Estou com medo, disse a serva, que Mylord perca o juizo.

—Não se assuste. Trago-lhe noticias, que lhe hão de fazer bem. Diga-lhe lá que desejo falar-lhe.

Muito impaciente, o lord fixou-o com os seus olhos fundos.

Já o apanhou? perguntou elle, em voz sótna.

—Creio que o catrailharemos ainda hoje.

A figura do lord como que toda se illuminou. No entretimento Sherlock Holmes, tratava de desembaraçar-se das festas de um cósinho, que, até ali, não se desentolara de cima de um fauteuil. Era o galguinto de lady Mary, de que se não lembravam, desde a noite terrivel, e cujos gemidos sentidos deram signal de si no salão verde.

Quando viu o cão, Sherlock Holmes mostrou certo contentamento.

—V. Ex.^a não tem deixado Dick procurar pela casa? Ainda elle não descobriu nada?

—Não tenho pensado no cão, respondeu o lord. Quiz ficar aqui, e eu deixei.

—Levou o dia inteiro a chorar ao pé: da dona.

—Dê me licença que eu dê um giro com elle. Não me demorarei nada.

—Conte-me, primeiro as noticias que sabe, senhor Holmes.

—Noticias, só tenho esta: já sabemos quem foram os burlões, que apanharam o dinheiro a lady Mary.

O assassino, ainda se não conhece!

E Sherlock saiu do gabinete, levando consigo Dick.

CAPITULO IX

As ultimas malhas da rede

—Busca! busca, cão! dizia elle para o animalzinho, que o olhava com olhos vivos. Onde está o Pedro? busca o Pedro!

O cão entrou a ganir e a saltar. Tinha comprehendido Betsy descia, no flagrante, das alturas.

—O cósinho gostava de Pedro?

—Se gostava! Pedro tratava mais do cão que da propria Mylord. Olhe: antes de Mylord o levar para o seu gabinete, levou elle horas e horas a ladrar ao pé da porta do Pedro, veja lá!

—Onde estava Dick na noite do crime?

—Levamos o todas as noites para o salão verde que deita para o terrazo onde ficava de guarda. O po-

bre não deu signal de alguém por ali passar, e, talvez, não passasse ninguém!

Sherlock Holmes agradeceu, e continuou a excitar o bruto.

Sem ajuda estranha, o animal trepou ao quarto do criado. Sherlock Holmes abriu a porta. Mas, as servas já tinham arranjado o quarto. . . Dick rodeou por duas ou tres vezes a estancia, e saiu.

Depois, parou obstinadamente defronte da entrada do celeiro.

—Dick, disse Sherlock Holmes, nós já vasulhámos á farta o celeiro. Sei que o teu Pedro não está lá. Eu mesmo o procurei, receando que se tivesse enforcado.

Dick continuava a ladrar. Então, Sherlock Holmes pediu a chave e abriu.

O cão saltou para uma escada, que levava aos forros. O polícia não hesitou: tomou o ao collo e começou a subir. Quando chegou ao cimo e levantou o alcapão, deparou com um terrivel espectáculo! Era Pedro que ali estava, morto, nadando em sangue.

Com voz de estentor, Sherlock Holmes chamou pelas criadas. Esperando que chegassem: içou se sobre a estreita plataforma do tecto em cata de alguns signaes. Só encontrou bocados d'aquella palha que tanto favoreceram as primeiras tentativas do seu inquerito.

O tecto terminava por um guarda fogo pouco elevado, com um barrote fóra do seu logar.

As mulheres chegaram, transidas de medo. Sherlock ajudou as a descer pela escada de mão, e depois, como poudo, o pesado corpo sem vida.

O cão uivava, e as creadas acolheram com um grito de terror o funebre achado.

Lord Malcolm chegou ao pateo e quedou-se espavorido á vista d'esta segunda victima.

—Está morto? perguntou.

—Provavelmente. Em todo o caso, será bom chamar um medico. Eu tenho mais que fazer. . . é pôr o assassino á sombra.

Saiu immediatamente, subiu para um trem, que o levou á casa de R-gen-street. Levava na mão um pequeno objecto, que tinha arrancado, sem ninguém ver, dos dedos encarquilhados de Pedro. Não passava de um botão, mas, de uma côr pouco commum, verde e amarello á mistura, como os que se uzam em certas blusas.

Levava todas as fibras do corpo n'uma excessiva tensão, quando entrou na casa de dupla entrada, onde o charão Ballibres havia procurado asilo.

O homem lá estava, mas, já com voz de preso. Tinha querido fugir, porém, os agentes puderam recolhê-lo ao seu quarto.

Sem proferir palavra, Sherlock Holmes foi para elle, examinou-o o fato que vestia, depois, mandou por um agente abrir uma mala, que estava em cima de uma cadeira.

Revolveu o que tinha dentro, e tirou uma blusa a que faltava um botão.

—Foi grande imprudencia da sua parte, disse com ar sarcástico, para o preso. No seu logar, o meu primeiro cuidado seria tornar a pregar este botão. Isso, não serviria de muito, porque eu logo via, que tinha

sido recosida. Mas o senhor poupou-me esse trabalho.

—Que quer dizer com isso, perguntou o barão.

E tava pallido e não podia ter-se nas pernas. Não tinha nem cabelheira postica nem caracterisação. Era um homem imberbe, de talhe abaixo de meio.

Sherlock não lhe deu resposta. Tinha tirado um par de pesadas algemas, e, passando as aos pulsos do tadvíduo, comparou as suas duas mãos de dedos pontengudos.

—! isso, murmurou elle, eu bem dizia: a direita mais forte do que a esquerda.

«Que profissão é a sua? Artista com toda a certeza.

—Faço sortes de força, gaguejou Ballieres, mas, só com as mãos...

—Pois sim, trouxejiu Sherlock Holmes, e consideras tambem habilidade de força o assassinato de lady Mary e do seu criado! Vamos amigos, levem mo para o treni.

.....
Algumas horas depois, no pateo do palacio Malcolm teve logar uma pequena sessão a que assistiram varias pessoas.

Eram lord Malcolm, Sherlock Holmes, Harry Taxon e o assassino.

Pedro não tinha morrido.

Ainda não recuperara os sentidos. Perden muito sangue e esteve tres dias abandonado e desmaiado no forro do palacio. Voltar á vida era um verdadeiro milagre.

Apesar d'isso, Sherlock Holmes conseguiu trocar algumas palavras com elle, e essas poucas palavras tinham sido as ultimas malhas da rede, que elle tecia desde que se deu o funebre acontecimento.

O pretenco barão Ballieres, pallido como um defuncto e mal podendo conter-se em pé, estava sentado numa cadeira, ao pé de Sherlock Holmes.

—Mylord, disse este, voltando para o viuvo o seu rosto pallido e sympathico, quero relatar-lhe em poucas palavras os acontecimentos d'esta noite e os dos ultimos tempos, e mostrar-lhe a infernal machinação que foi causa da morte de sua ex.^{ma} esposa.

—Dir-me-ha tudo isso, quando estivermos só os dois, respondeu o lord em voz desfallcida. Tem provas de que este homem é o assassino?

—Vou contar-lhe o drama. O criminoso não mentirá.

«Começarei por dizer, que se formou uma especie de sociedade secreta com o fim de explorar Mary Tamano, sua antiga camarada. Esta companheira nunca pensou em assassinal-a, nem mesmo esse miseravel que ahi está.

Ballieres inclinou a cabeça. A sua cara de mulher sem um pello de barba, transpirava o terror pelos poros da sua lividez cadaverica.

—Mary Tamano, transformada em lady Malcolm, era riquissima. Uma das suas antigas companheiras, miss Elvira, aproveitou-se d'essa fortuna, fazendo-lhe continuos pedidos de dinheiro, quasi sempre satisfeitos pela generosa lady. Elvira é indiscreta e de mediocre intelligencia. Por via d'ella participaram outros dessas

larguesas. Entre elles contava-se um tal Lovell, e o pretenco onde, que não é outro, senão um antigo apaixonado de Ellen Brewer.

Ouvindo este nome o lord estremeceu todo. Sherlock Holmes fez-se desaperccebido.

—Ellen Brewer, continuou elle, perseguia por mais d'um motivo lady Mary, ferozmente. Possuia certas cartas, que lady poderia julgar escriptas por... um homem, que desempenhou um papel importante da sua existencia. Mas, o auctor d'essas cartas não passava de ser o homem, que aqui está presente. O barão de Ballières possui uma habilidade especial, que já lhe valeu travar relações com o deposito central. E' o mais correcto falsario de escripta de toda a Inglaterra. Queira ver, lord Malcolm, estas tres linhas que elle escreveu hoje a miss Elvira. Conhece este autographo?

—Meu Deus!... gemeu o lord. Como sabe o senhor?... Que significa?

—Veiu tarde a ligão! Eu continuo. A sucia, como quem diz a companhia do olho vivo, acima dita, delegou em Elvira o encargo de extorquir a lady Mary uma importante quantia, a pretexto de que o homem, que desempenhou um papel interessante na sua vida, e que ha muito morreu, tinha necessidade de dinheiro. Ante-hontem á noite, Elvira veio cá, e levou esse dinheiro. Mas, nessa mesma noite, o homem, que aqui está seguiu-a, na esperanza de realizar um negocio-sinho particular.

Lady Malcolm havia licenciado os criados por não gostar que gente sua tivesse quaesquer relações com os seus antigos conhecidos. Só Pedro ficou no palacio, e, quando Elvira partiu, ella disse-lhe que ainda esperava uma visita.

Seriam umas onze horas, um trem transportou para aqui Ballières. Pedro fel-o entrar, e lady Mary o recebeu, sem presumir que estava em frente do homem, que lhe tinha escripto as cartas tão afflictivas.

«Serviu uma refeição ao seu hospede. que comeu e bebeu. Ella não tomou nada. O tal hospede levantou-se. Foi quando deixou cair da sola das botas o bocado de palha, que o trahiou. Firam ambos para o quarto de lady Mary. Alli, Ballières, disse-lhe que não era dinheiro que elle queria, declarando lhe, que a sua belleza, muitas vezes admirada por elle de longe, o tinha enlouquecido e queria possuil-a...

Lady Malcolm, louca de terror e de mortal agonia, apontou-lhe para a porta. O homem não quiz sair. Foi então quando ella me telephonou para lhe acudir.

«O insolente agarrou-a. Talvez realisasse o seu criminoso intento, mas lady Mary defendeu-se e tratou de se lhe escapar, fugindo. Gritou por soccorro... Elle apertou-lhe as guellias, e ella expirou com a suffocação!

Um profundo silencio respondeu a este curto relato, quebrado somente por um longo gemido do lord. Sherlock Holmes continuou:

—Pedro ouviu, desgraçadamente tarde de mais, os gritos de desespero da sua ama. Quando entrou no gabinete o assassino fugia ás apalpadellas por essas casas. Enfiou pela escada acima sem saber para onde ia. Pedro perseguiu o, na penumbra fracamente alumia da luz dos candieiros publicos, e atracou o.

facinora. Este que ia armado de punhal em punho, feriu. Pedro tombou sem soltar um grito, arrancando um botão da blusa do seu agressor.

Balhères julgou-o morto. Desceu e fugiu para a rua pela porta principal. Ninguém o viu.

—Jesus! Meu Deus! gemeu o lord. E, quem foi que trahiui este maldito?

—Ninguém, mylord, a não serem os signaes dos seus proprios dedos e algumas palhinhas que deixou espalhadas pelo chão. Agora levem-me este miseravel para que a sua presença não conspurque mais a casa onde a sua victima ainda repousa.

Conduzido, ou melhor dito, levado pelos dois agentes, o scelerado desapareceu.

Então Sherlock Holmes voltou-se para o infeliz marido:

—Milord, tenho ainda mais alguma coisa para dizer-lhe, que não tem que ver com a vossa querida defunta. Sei milord, queira deixar de perguntar-me quem me disse—seí que v. ex.^a conserva suspeitas da mais nobre e da mais pura das esposas.

—Desgraçadamente, gemeu o lord—só mais que suspeitas: tenho provas! E, quando a convenci da sua infidelidade ella negou!

—Tinha razão de negar, respondeu Sherlock Holmes, com muita seriedade.

—O que? E as cartas que me mostraram?

—Essas cartas, milord, como já tive a honra de dizer-lhe, eram falsificadas, excepto duas. E, essas duas escriptas ha muito tempo, eram do primeiro marido de mylady Mary.

—Impossivel! Mary annunciou-me a sua morte. Mostrou-me os jornaes em que li, que o navio, que o levava para a Australia, foi a pique, com perda total de cargas e pessoas!

—Ainda estava de boa fé. Um bello dia germinou no cerebro de Lovell e C.^a um plano infernal. Tratava-se de a fazer acreditada o marido ainda era vivo, que estava de volta, e que vinha resolvido a fazer valer os seus direitos contra os de milord, se ella lhe não desse todo o dinheiro que necessitasse. *Perfeita chantage!* Todas as cartas, que diziam escriptas pelo

marido, realmente morto, eram fabricadas por Ballières!

—Ah! E eu que desgraçado! a julgar-me!... Ninguém pôde avaliar quantas penas soffri, e, ainda por cima, caído nos braços d'essa intrigante, que participava da trama infernal!

—Participava e mais nada. Eu creio que miss Ellen Brewer architectava um projecto, para cuja realisação promettera uma grande recompensa. Era preciso que lady Mary, desaparecesse, para ella poder occupar o seu logar.

—Oh! que infame! Ha de pagar-me.

—Pelo contrario. mylord, é a unica da malta a não ser incommodada, porque ninguém tem provas contra ella.

«Já cumpri a minha missão, mylord. O negocio está esclarecido. A memoria de lady Malcolm intacta. Nada mais tenho aqui a fazer. Passe V. Ex.^a muito bem.»

Lorde Malcolm apertou-lhe muito a mão. Tentou falar; mas nem uma só palavra poudo proferir. Então, a concentrada e funda agonia da sua alma, extravasou num caudal de sentidas lagrimas.

Tombou sobre o peito de Sherlock Holmes e desatou a chorar como uma creança.

—Como poderei eu pagar-lhe tanto que lhe devo? Restituiu-me a joia mais preciosa da minha riqueza, da minha vida, da minha felicidade: a fé inquebrantavel na minha querida Mary, a quem votei um amor sem egual.

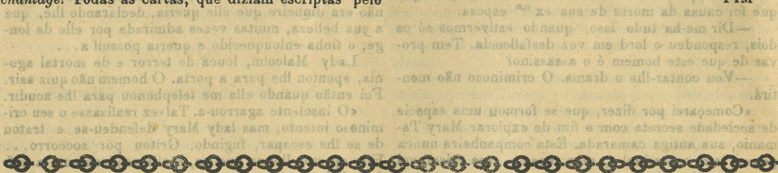
Commovido até ás lagrimas, Sherlock Holmes, apertando-lhe a mão, respondeu:

—A minha recompensa, acaba V. Ex.^a de dar-me nessas suas palavras. Não quero outro agradecimento.

Fez meia volta, deu signal a Harry e saiu do palacio.

A datar d'esse dia, Sherlock Holmes não teve melhor amigo que lord Henry Malcolm, que d'ahi por deante viveu da saudosa recordação da sua muito amada esposa.

FIM



Ler no proximo numero:

Os moedeiros falsos

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Armando Dubarry)

O Amor nas suas diversas manifestações, regeu, rege e regerá perpetuamente o mundo. Provam-no o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até á actualidade e a nossa vida contemporânea.

E tadar as aberrações a que as paixões desviadas conduzem os homanos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que sub-bordinou no titulo geral *Desequilibrados do Amor*, e nos quaes os vicios contra natura, o hermaphroditismo, a hystéria, a depravação e assumptos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* acha-se publicacao o prime-ro volume:

O Feticchista

Deverão seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da lubricidade os seguintes, já no préto:

- Os Invertidos
- Hermaproditia
- Hystérica
- Os Flagellantes, etc., etc.

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

500

REIS

Novidade Litteraria

ESCOLA DO VICIO

por Victorien du Saussay
1 vol. com capa artistica 700 rs.

LEIAM TODOS

O conquistador de criadas

Maritante romance d'aventuras galantes
Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

RENÉ EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos
I A Paschoa de Formosura
II Chamas de voluptuosidade—III Moab, terra da luxuria—IV Pela senda do amor—V Beijo supremo.
1 eleg. vol. em 8º com artistica capa a 8 côres 700 rs.

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz
1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

TRATADO PRATICO DE GYMNASICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8º gr.

300 Rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia - amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 Mulheres policias |
| 6 Um attentado terrorista | 23 Um milhão de francos |
| 7 A creança martyr | 24 As bravatas de um Yankee |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coração torturado |
| 9 A falsa suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um drama nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O segredo do conde |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Tragado pela areia |
| 13 O cão policia | 30 A derrota dos banditos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Duas facanhas notaveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume — Serie completa, 2.000 rs.

REIS

IVRO DE LEITURA JIU-JITSU

para a 4.ª classe dos Lyceus
1 volume illustrado 400 rs. = 600 reis

Colleção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatinho da alta roda, por Maurice Leblanc (Esg.). 2. O Homem Misterioso, Guy de Témardont.
3. O tumulto de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, Golscorthy. 6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladrões, Henry A. Hering. 8. A Agulha ócea, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Canhão do somno, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres grande romance policial, G. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton. 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi. 16. Kowa, a mysteriosa por Ch. Foley. 17. 813. (Novas aventuras de Arsenio Lupin) por M. Leblanc. 18. Em Férias, por Henri de Régnier. 19. O Palacio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por A. Galopin. 21. A sombra mysteriosa, por Fergus Hume.

350 rs. Cada vol. in-4º, contendo a materia de um ccc grosso vol. in-8º, de 300 ooo rs. 350

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilegios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ
600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL Rs. 60

mais notavel e sensacional
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

É um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- 1 Viriato, o heroe luso
- 2 Roma na Lusitania
- 3 Os barbaros do Norte
- 4 A invasão dos Arabes
- 7 Egas Moniz
- 5 Fundação de Portugal
- 6 O cerco de Guimaraes

- 8 Conquista de Lisboa
- 9 Giraldo Sempavor
- 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth)
- 11 Tomada d'Alcácer
- 12 Rainha D. Mécia
- 13 O Bolonhez

A seguir:

- 14 O rei trovador
- 15 Rainha Santa Isabel
- 16 A Batalha do Salado
- 17 Inez de Castro

- 18 Vingança de Rei
- 19 A Rainha Adultera
- 20 Maria Te's
- 21 Mest e d'Aviz

CAROLUS DIDIER

A ORGIA BIBLICA

Romance passionnal, baseado na narrativa biblica

Um grosso volume, edição de luxo,
magnificas gravuras e capa artistica

700 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano

aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famo-o agente, o especior Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos jan'es, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escualha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobes orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade, na qual a vida é alegre ou triste, embr agulora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um caturro de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, forma um episodio completo.

Volumes publicados:

- 0 rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsifico 5. O ultimo crime 6. Carruthers. 7. O ranto d'um noivo. 7. Visioho mysterioso. 8. C. ca aos milhoes. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatinhos. 11. O rapto da duquesa 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de h-toti. 14. O homem da mão de ebano. 15. As joias de mr. H cke t. 16. Um electrico perigoso. 17. No Casino de Palm Bea h. 18. Uma victimia da sciencia. 19. O assassino de Fall River. 20. Aventura d'um policia no Far West. 21. O noivo de petroleo. 22. O Olho do Diabo. 23. O mysterio chinês. 24. A casa dos sete demonios. 25. A rainha dos sete. 26. O signal de morte. 27. Os demônios do Oriente. 28. Desdida de Dazaar aos infernos. 29. O ultimo dos sete. 30. O Resuscitado.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDE

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, achae-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas famí-lías, pois as doenças deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8º grande illustrado de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegentemente cartonado — reis 700